



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

CLEYSIANE ALMEIDA REZENDE

O PERFIL DE INFÂNCIA EM A CASA DA CORUJA VERDE DE ALINA PAIM

Itabaiana/SE
Março de 2018

CLEYSIANE ALMEIDA REZENDE

O PERFIL DE INFÂNCIA EM A CASA DA CORUJA VERDE DE ALINA PAIM

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Departamento de Letras (DLI) da
Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof.
Alberto Carvalho, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Sacramento

Itabaiana/SE

Março de 2018

Itabaiana/SE, Março 2018

Banca examinadora

Profa. Dra. Adriana Sacramento
Presidente

Profa. Ma. Antonielle Menezes Souza
Examinadora

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à Deus que me capacitou com sabedoria e perspicácia para realizar este trabalho. À minha família pelo apoio e compreensão durante toda trajetória acadêmica. Aos amigos que me incentivaram principalmente nos períodos finais da graduação. Aos mestres que me estimularam a adquirir conhecimento e a aperfeiçoar os saberes, em especial, a Profa. Dra. Adriana Sacramento, pelo carinho e disposição em orientar esta pesquisa. À todos, muito obrigada.

Viver é acalentar sonhos e esperanças, fazendo da fé a nossa inspiração maior. É buscar nas pequenas coisas, um grande motivo para ser feliz!

Mário Quintana

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre a obra infantil *A Casa da Coruja Verde* (1962), da escritora sergipana Alina Paim, acerca da perspectiva dos estudos sobre a infância. Para isso, estamos fundamentados nas concepções de infância e criança desenvolvidas por Andrade (2010), Arroyo (2012), Benjamin (2002) e da Sociologia da Infância através de Faria & Finco (2011), cuja finalidade dos textos evidenciam os aspectos ideológicos sociais agregados a esse período fundamental para o desenvolvimento humano. No referente ao prisma literário, nos embasamos nas construções de Cademartori (2010), Coelho (1985) e Lajolo & Zilbermam (2007) a respeito do contexto de desenvolvimento da literatura infantil. Para tanto, utilizamos a metodologia qualitativa através de pesquisas bibliográficas e de um processo descritivo de considerações, que associam as concepções do referencial teórico com nossa análise acerca da narrativa no que se refere ao tema desta pesquisa o perfil de infância e criança retratadas por Paim na referida obra. Dessa forma, percebemos que a representação presente na obra condiz com o pensamento contemporâneo que considera a criança um cidadão, ativo e perspicaz, que constrói sua infância através de sua própria experiência. Assim, nossa pesquisa pretende também contribuir para a divulgação das obras desta sergipana ilustre que apesar de produzir obras de inestimável valor literário encontra-se omitida do cânone.

Palavras-chaves: Infância; criança; literatura infantil; Alina Paim.

ABSTRACT

The present work aims to present a reflection on the children's play *A Casa da Coruja Verde* (1962), by the sergipe writer Alina Paim, about the perspective of studies on childhood. For this, we are based on the conceptions of childhood and child developed by Andrade (2010), Arroyo (2012), Benjamin (2002) and Sociology of Childhood through Faria & Finco (2011), whose purpose of texts show the social ideological aspects added to this fundamental period for human development. Regarding the literary prism, we are based on the constructions of Cademartori (2010), Coelho (1985) and Lajolo & Zilbermam (2007) regarding the development context of children's literature. To do so, we use a qualitative methodology through an investigation of the theme, in this way, we present a reading about the profile of childhood and child portrayed by Paim in said work, since, consistent with contemporary thinking that considers the child a citizen, active and insightful, who builds his childhood through his own experience. Thus, our research also intends to contribute to the dissemination of the works of this illustrious sergipe who despite producing works of inestimable literary value is omitted from the canon.

Key-words: Childhood; child; children's literature; Alina Paim.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ESTUDOS SOBRE A INFÂNCIA	13
1.1 A sociologia da infância e o adultocentrismo	17
1.2 Entre a fantasia e a razão	18
2. ABORDAGEM HISTÓRICA DA LITERATURA INFANTIL.....	24
2.1 Formação do literário infantil brasileiro	26
2.2 A literatura infantil brasileira a partir do século XX	29
2.3 O literário infantil brasileiro modernista	31
3. A CASA DA CORUJA VERDE: UMA VIAJEM ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

INTRODUÇÃO

O presente estudo procura analisar a representação da infância na obra infantil da sergipana Alina Paim, que embora faça jus ao reconhecimento nacional e internacional permanece omitida do cânone literário brasileiro. A autora apresenta nas obras suas marcas ideológicas, assim como, contextualiza a sociedade da época fazendo uso de uma linguagem clara e precisa nas obras infantis. Baseados nos estudos sobre a infância, analisamos como ocorre a representação da criança e da infância na obra “*A casa da coruja verde*” de Alina Paim. Dessa forma, pretendemos através desta pesquisa contribuir para a divulgação da obra no geral, que ainda não tem o devido reconhecimento da crítica literária talvez devido ser uma produção feminina dentro de um contexto adverso sua posição social.

Em consequência da falta de reconhecimento de Alina Paim definida por Cardoso (2010, p.125) como “uma romancista esquecida nos labirintos do tempo” temos o difícil acesso a suas obras. Porém, desde 2006, ela é objeto de estudo da professora Ana Leal Cardoso (UFS), que tem resgatado a obra da escritora sergipana cooperando para expansão dos estudos sobre Paim. Assim, no que se refere a biografia da autora nos respaldamos nas pesquisas divulgadas por essa pesquisadora e na entrevista cedida pela escritora ao jornalista Gilfrancisco.

Alina Leite Paim (1919-2011) nasceu em Estância município sergipano, aos 5 anos, após a perda da mãe passou a morar com as tias em Simão Dias, onde estudou em escolas de educação religiosa. Aos 9 anos, com o falecimento de uma de suas tias é internada no colégio baiano Nossa Senhora da Soledade, dirigido por freiras no qual começou sua carreira literária no jornal estudantil. Quando finalizou os estudos passou a ensinar na periferia de Salvador em uma escola pública, onde vivenciou as adversidades da educação brasileira. Em seguida, envolveu-se com um amazonense estudante de medicina, após, o fim do relacionamento tentou suicídio, enfrentou problemas particulares e foi internada em um sanatório, no qual conheceu Isaias Paim, também estudante de medicina, com quem se casou e foi morar no Rio de Janeiro onde residiu em diversos bairros do subúrbio a Copacabana¹.

Segundo Cardoso (2010) Alina Paim tornou-se amiga de Graciliano Ramos, a quem confidenciou o manuscrito de seu primeiro romance *Estrada da liberdade* (1944), e com quem aprendeu técnicas literárias, foi ele também, quem leu e fez a revisão de alguns de seus

¹Informações obtidas através da entrevista concedida pela autora ao jornalista, pesquisador e professor Gilfrancisco em 2008. Publicada no site Cronopios. Disponível em: <http://www.cronopios.com.br/content.php?artigo=9360&portal=cronopios>. Acesso em: 15/01/2018.

romances. Em 1944, estreou na atividade literária com a publicação de seu primeiro romance *Estrada da liberdade* e permaneceu ativa por décadas, tendo a princípio contado com o apoio de um amigo editor relacionado ao Partido Comunista, o qual também foi militante durante alguns anos, e por isso, precisou exilar-se durante o período ditatorial no Brasil. Assim, a sergipana teve publicada as seguintes obras: *Simão Dias* (1949), *A Sombra do Patriarca* (1950), *A hora próxima* (1955) e *Sol do meio-dia* (1961), em 1965, publicou três romances que seriam conhecidos como a trilogia de Catarina, são eles: *O sino e a rosa*, *A chave do mundo* e *O Círculo*, posteriormente, também publicou, *A sétima vez* (1975) e *A correnteza* (1979). No campo infantil apresentou: *O lenço encantado* (1962), *A casa da coruja verde* (1962), *Luzbela vestida de cigana* (1963), *Flocos de algodão* (1966), e *O chapéu do professor* (1966). Sendo que, alguns de seus romances foram exportados para Rússia, China, Bulgária, e Alemanha, enquanto que no Brasil são raras suas obras, principalmente as de cunho infantil.

Entre 1945 a 1956, Paim foi convidada pelo diretor da rádio do Ministério da Cultura para escrever para o programa infantil *No reino da alegria*, dirigido por Geni Marcondes, o qual teve permissão de criar dois personagens são eles Catita, 6 anos, e Laurinho de 8 anos, as crianças protagonistas da obra em análise. Como militante do Partido Comunista Alina Paim desempenhou várias funções políticas, dentre elas, presenciou a participação das mulheres na greve dos ferroviários da Rede Mineira, cuja convivência contribuiu para a construção do romance *A hora próxima* (1955). Esse movimento repercutiu nacionalmente, devido a atuação feminina diante da prisão dos companheiros que reivindicavam por melhores condições de trabalho. Segundo Cardoso (2010, p. 129):

A hora próxima, romance de cunho político, parece ser uma das poucas obras da literatura brasileira que apresenta como personagem toda uma coletividade – os ferroviários da Rede Mineira, espalhados por várias cidades.

Dessa forma, torna-se primordial esta breve biografia da escritora, visto que, um dos objetivos deste estudo é contribuir para a divulgação da obra dessa sergipana ilustre. Contudo, para compreendermos a noção atual sobre a infância, é essencial conhecermos o processo histórico de construção social dessa concepção, para isto, consideramos as reflexões de Andrade (2010) sobre o progresso nas concepções de infância, da antiguidade a pós-modernidade, na posição da criança como sujeito de direitos e na representação da infância como “construção social” e das crianças “atores sociais” (ANDRADE, 2010, p.67).

Temos como fundamentação teórica também a percepção de Arroyo (2010) sobre a infância, especificamente nesta obra o autor disserta sobre os *corpos precarizados* e as práticas pedagógicas que os envolvem no ambiente escolar. Essas crianças são sujeitos

marginalizados socialmente que tem chegado nas escolas nos últimos anos exigindo dos docentes e gestores uma nova política educacional que acolha-os dentro do espaço escolar. Mas, destaca também que é atribuição do Estado zelar pelo cumprimento dos direitos destas infâncias ignoradas socialmente assim como de todos os cidadãos, pois, embora estes sujeitos tenham adquirido visibilidade negativa ultimamente na mídia, devemos reconhecer que esses corpos apenas refletem o que a sociedade lhe oferece. Bem como, nos respaldamos nas reflexões de Benjamin (2002) acerca da criança, do brinquedo e da educação, nessa obra o discurso empregado ultrapassa a compreensão convencional adquirindo outras concepções sociais, filosóficas e psicológicas sobre a infância.

No referente a infância como área do conhecimento que tem adquirido visibilidade nas pesquisas científicas, protagonizada pela criança, sujeito ativo, mas excluído socialmente, nos baseamos em Faria & Finco (2011). Cujas obras têm por propósito, argumentar sobre a “visibilidade das crianças dentro das pesquisas sociológicas e das políticas públicas e a questão das crianças como sujeitos de direitos no Brasil” (FARIA & FINCO, 2011, p.11). Dissertando também sobre as condições de vivência na infância das crianças brasileiras, as autoras retratam como esta nova visão sobre a infância nos convida a refletir sobre as práticas educativas vigentes. Visto que, sociologia da infância analisa os comportamentos/relações sociais seja no âmbito universal como também particular, o que se faz necessário para compreendermos questões pertinentes, como o papel da família e da escola, no que se refere a infância e a criança. Assim, verificamos que a infância estabelece relações com a família, a educação e a representação feminina na sociedade, por isso, tais valores também são abordados nesta pesquisa, cujo objeto de estudo é a infância, uma área do conhecimento ampla, mas no inerente a literatura infantil da sergipana Alina Paim.

Diante disso, refletimos sobre o histórico da literatura infanto-juvenil brasileira através das considerações de Cademartori (2010), Coelho (1985) e Lajolo & Zilberman (2007). Embora, as obras façam um panorama histórico do literário infanto-juvenil universal desde o surgimento até a contemporaneidade, nos restringiremos apenas ao cenário brasileiro. Segundo as autoras os registros da literatura infantil brasileira tem como auge o século XX, no qual, a sociedade brasileira presenciava diversas transformações política, econômica e culturalmente inclusive na produção literária que visava firmar uma literatura própria do país.

Nosso trabalho utiliza o método de pesquisa qualitativo, pois, apresentamos os resultados através das percepções e análise acerca do universo infantil de Paim. É desenvolvido também por meio de um processo exploratório, já que, propomos uma

investigação sobre o tema através de uma pesquisa bibliográfica. Seguido de um processo descritivo, no qual relacionamos a infância, no contexto contemporâneo à representação da criança no literário infantil de Paim. Sendo assim, fazemos uso da análise documental da obra *A casa da coruja verde*, salientando, porém, que a escritora possui outros romances direcionados ao público infantil as quais apesar de independentes dialogam entre si, visto que, como fator comum tem-se o espaço e o núcleo de personagens.

Assim, este projeto está estruturado em três capítulos: no primeiro destacamos a importância dos estudos sobre a infância, particularmente na área literária, mas ressaltando que esse ramo de pesquisa é emergente para diversos setores de pesquisa. Posto isto, primeiramente fazemos uma síntese histórica das concepções sobre infância, na qual está embutido nos valores da família, da educação e do papel feminino perante a sociedade, pois, tais considerações são de suma importância para nossa pesquisa. Em seguida, destacamos a concepção contemporânea sobre infância que deve ultrapassar a ótica adultocêntrica, isto é, o universo infantil vai além do que sabemos, pois, a criança deve ser educada não domesticada. No segundo capítulo apresentamos um panorama da literatura infanto-juvenil, sobretudo do cenário brasileiro, associando essas construções aos estudos sobre a infância. E observamos também como a obra da sergipana se justapõe no literário infantil brasileiro trazendo à tona aspectos sociais, políticos e econômicos da nossa sociedade. Assim, culminamos no terceiro capítulo no qual expressamos nosso parecer sobre a obra analisada no que se refere, a infância e a criança retratadas por Paim.

Dessa forma, percebemos que em *A Casa da Coruja Verde*, incorporado a concepção de infância a autora se refere também ao perfil feminino, ou seja, nas obras de Alina não é apenas a criança que deve ter o reconhecimento social, mas também a mulher, na infância a menina. Tal percepção, é evidenciada através da linguagem categórica empregada para o público infantil, considerando a criança um indivíduo ativo socialmente que utiliza da criatividade para si tornarem indivíduos autônomos, experimentando e produzindo seu próprio conhecimento. Portanto, nossa pesquisa direciona-se aqueles que se interessam pelo estudo sobre a infância no literário infantil especialmente da sergipana Alina Paim.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ESTUDOS SOBRE A INFÂNCIA

Menino é mesmo índio selvagem e, neto de Mariana, pior dez vezes!
(PAIM, 1962, p.61)

A infância consiste em um campo de pesquisa que tem se afluído para diversas áreas, inclusive para o campo da literatura, sendo esse nosso objetivo. Para tanto, primeiramente, faz-se preciso uma observação sobre a concepção de infância, que historicamente é sistematizada por uma perspectiva adultocêntrica imposta às crianças através do costume sociocultural de ensino disciplinante. Entretanto, a percepção contemporânea evidencia a criança como um indivíduo ativo, conforme percebemos no episódio em que Catita se posiciona perante Dona Julia. Na frente do irmão Laurinho, do caboclo Janjão e do professor Francisco Raposo, a menina confronta a amiga de vovó Mariana por ter-lhe amedrontado sobre à Casa da Coruja Verde, demonstrando sua autonomia, inteligência e astúcia próprios da criança, Catita declarou: “O professor é gente muito boa, meu amigo, ouviu? E na casa da Coruja não tem perigo nenhum. A senhora quis meter medo na gente e a gente fez foi entrar no sítio naquela tarde mesmo.” (PAIM, 1962, p.61)

Todavia, no período da antiguidade à idade moderna, as crianças eram julgadas como adultos em miniatura, não eram distinguidas do universo adulto, desde as roupas que trajavam, os brinquedos com os quais brincavam, a linguagem, até situações habituais. Por isso, os conceitos de infância e criança são modernos e, ao serem estudados devemos considerar o parecer histórico familiar e produtivo, pois, apesar de pertencer ao núcleo familiar à criança era tida como adulto por isso deveria desempenhar as funções adultas, como a produção social. Tal perspectiva baseia-se no projeto icnográfico realizado por Philippe Ariès (1981), historiador francês, cuja obra apresenta importantes contribuições para as pesquisas acerca da infância e da criança.

A família é a instituição humana mais antiga e o ser humano nasce em função desta instituição relacionando-se socialmente, contudo, esse conceito também é instável, pois evolui através dos ideais sociais. Dessa forma, percebe-se a influência da sociedade na criação da concepção de família, e por via desse institui-se outros conceitos como: de infância, criança, o papel feminino, educação, dentre outros. Assim, as construções sociais tem como alicerce a família, na qual por intermédio do modelo familiar patriarcal o homem foi estabelecido como chefe. Portanto, até o século XVI as crianças pobres eram prematuramente inseridas no ofício adulto, sem distinção de faixa etária, enquanto, as nobres eram educadas para dirigir os

negócios da família. Essa prática não difere muito da atualidade, pois, embora tenhamos significativos avanços ainda encontramos semelhanças na trajetória de crianças do campo, indígenas ou de periferias urbanas, as quais Arroyo (2012, p. 10) define como *corpos precarizados*:

Uma das formas históricas mais brutais de produzi-los como inexistentes, sub-humanos e subcidadãos, é condená-los a formas indignas de viver ou a viver como corpos-sujeitos precarizados.

A partir do século XVI, foi destinada às mulheres a função de cuidar das crianças como forma de entretenimento, já que, a vivência familiar era em público, não existia privacidade e os valores culturais eram transmitidos através convívio da criança com os adultos. Posteriormente, influenciados pelo pensamento religioso, as crianças foram consideradas puras, ingênuas e benevolentes, por isso, deveriam ser observadas, instituindo assim o padrão familiar burguês alterando conseqüentemente a convivência familiar que se torna íntima. Desse modo, a educação da criança, sendo que essa torna-se o centro da família, antes comunitária, agora se constitui de forma privada e sob a tutela e obrigação dos pais. Em síntese, a separação da função dos gêneros: homem - universo público – mantenedor da família; e a – mulher ambiente privado – responsável pela organização da casa e da educação dos filhos.

A partir do século XVIII através do iluminismo, movimento político ideológico apoiado pela burguesia, que impulsionou os ideários de razão e ciência tendo origem na França e expandiu-se por outros países, o controle do espaço público foi destinado ao Estado. Já, o espaço privado tornou-se responsabilidade da família, garantindo dessa forma a propagação das tradições sociais. Uma vez que, a burguesia atribuiu a família a referência suprema incumbiu-se também um outro sentido a infância, como um ser diferente do adulto, embora, a família permanecesse contribuindo para a conservação do poder burguês. Por conseguinte, a educação infantil fora conferidas as mulheres constituindo assim os aspectos fundamentais para o desenvolvimento do conceito sobre infância. Sobre a distinção de atribuições nas esferas pública e privada, Arroyo (2012, p. 35) afirma:

Uma forma de emancipar os corpos é trazer todos esses domínios da esfera íntima, privada para a pública. Ou melhor diluir essas fronteiras e politizar os corpos, a reprodução, a maternidade, o cuidado, o gênero, a raça...como componentes da condição humana, social, política. Incluídos no campo dos direitos, da justiça e da ética e do pensar epistemológico.

Assim, baseado nos ideais iluministas, que impulsionaram a revolução francesa cujo lema era liberdade, igualdade e fraternidade, a ideologia moderna se consolidou instigando a

razão, a ciência e a arte se respaldando no capitalismo. Nestas circunstâncias, a criança foi caracterizada como uma *tabua rasa*, competindo à escola formar cidadãos produtivos através da propagação de conhecimentos científicos. Dessa forma, a criança transforma-se em uma “reprodutora do conhecimento, identidade e cultura, reconhecendo a infância como base para o conhecimento futuro” (ANDRADE, 2010, p. 58).

Portanto, os estudos sobre a infância iniciaram assentados na preocupação com o adulto do futuro não com a criança do presente, pois, embora alguns tornem-se adultos imaturos, existe mesmo assim um progresso no conceito de infância. Paralelamente, a consolidação desta noção de infância, na qual a criança não é um bibelô, mas um ser diferente do adulto, as concepções sobre família, da educação infantil e da representação feminina perante a sociedade foram se transformando. Assim, a partir do século XIX, baseados nos ideais moralistas, os quais foram fundamentais para a nova compreensão sobre a infância, como período primordial para o desenvolvimento humano, impulsionaram também os estudos nessa área de pesquisa, a infância, gerando diversos recursos para atender as necessidades deste novo público consumidor, a classe burguesa.

Nesse contexto, institui-se o papel feminino diante da sociedade que se restringe à família, casa e filhos, o qual a mulher deveria aceitar de forma intrínseca transformando-se em uma prática transmitida às futuras gerações. Instaurando, deste modo a naturalização dessa circunstância, que delimita a posição social feminina privada a exercer apenas a função familiar. Assim, percebemos que a infância constitui-se uma fase crucial para o progresso humano, social e político, pois, teoricamente se nela as crianças tiverem os mesmos direitos quando se tornem adultos irão projetar esses princípios nos seus descendentes, rompendo alguns enquadramentos sociais como a delimitação das funções exercidas pelas mulheres. Segundo Arroyo (2010, p. 10),

Não apenas trazer com centralidade os corpos – infância, mas revelar aos estudos da infância as peculiaridades de sua construção em nossa história social, política, cultural e pedagógica. Só dando destaque a produção de seus corpos – infância, essas peculiaridades se revela em sua cruel persistência.

Essas crianças e adolescentes precarizados são conduzidas a ajustar-se no protótipo social de “sujeitos infanto-juvenis, atores que moldam seus comportamentos a partir das margens de atuação que a precariedade da cidadania negada lhes impõem” (ARROYO, 2012, p.11). Convertendo a infância em um processo de opressão devido à seleção, que inferioriza as classes, grupos ou etnia por meio do padrão preconceituoso de raça, cultura ou estética imposto pela sociedade e divulgado pela mídia. Dessa forma, constatamos que ao estudar a

infância, revelamos outras doutrinas embutidas no sistema reproduzido pela sociedade que excede a inexperiência infantil, pois, as crianças não são apenas educadas, são instruídas a reproduzir as experiências impostas pelas ideias adultocêntricas. Conforme afirma Benjamin (2002, p.21), “Travamos uma luta por responsabilidade contra um ser mascarado. A máscara do adulto chama-se ‘experiência’. Ela é inexpressiva, impenetrável, sempre a mesma”.

Logo, a infância consiste no período inicial da vida humana em que, as crianças são sujeitos efetivos, agentes sociais deste momento introdutório do desenvolvimento humano. Porém, tais significados podem alterar-se a depender da direção pretendida, visto que, a infância e as crianças sempre existiram mas tais concepções foram introduzidas a partir do século XVII. A primeira é definida como um momento do ser criança, que para ser entendida carece estar associada ao cenário histórico, sociocultural que está inserido ultrapassando meramente a representação da fase inicial do desenvolvimento humano. Decorrendo também da transformação da sociedade capitalista devendo ser contextualizada ao percurso histórico da família, educação e da representação feminina.

Exemplificando a diversidade de significado dos termos acima mencionados, temos a faixa etária limítrofe do ser criança, definida segundo a Convenção sobre os Direitos das Crianças (1989) como “todo o ser humano com menos de dezoito anos, exceto se a lei nacional confere a maioridade mais cedo”. Enquanto, na legislação brasileira, lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que decreta os direitos sociais e atribuições do Estado para as crianças e os adolescentes considera criança “a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”. Assim, compreendemos que tais conceitos são contemporâneos, pois acordam com documentos oficiais recentes, mas que apesar de prescrito mundial e nacionalmente esses direitos não são cumpridos integralmente seja pela sociedade, Estado ou família.

De acordo com a Convenção sobre os Direitos das Crianças (1989) a família é o “elemento natural e fundamental da sociedade e meio natural para o crescimento e bem-estar de todos os seus membros, e em particular das crianças”. É um produto social sendo assim o espaço propício para a reprodução dos valores para as crianças. Posteriormente, esta atribuição se amplia chegando ao ambiente escolar submetendo as crianças, agora alunos, a subordina-se a tradição da sociedade. Assim, percebemos que no percurso histórico da infância existem fatos ocultados, principalmente das crianças inferiorizadas socialmente, pois foram privadas de seus direitos. Por isso, é urgente desvelar a máscara que omite a diversidade e a desigualdade presente na sociedade.

Entretanto, através do convívio estes sujeitos segregados nos fazem reflorescer a crença na liberdade e na autonomia, porque apesar de serem explorados, oprimidos e empobrecidos eles são autores de sua própria história, visto que, a precarização também torna essas crianças vigorosas. Logo, os estudos sobre a infância exigem conhecimento sobre outras estruturas, conforme afirma Arroyo (2012, p.15) “a história da infância adquire outros significados que exigem outras teorias para sua compreensão e problematização” visto que, “exige uma outra narrativa de nossa história social, política, econômica e cultural”. (ARROYO, 2012, p.15)

1.1 A sociologia da infância e o adultocentrismo

Dessa maneira, os estudos sobre a infância e a criança tem obtido visibilidade nas áreas de pesquisa científica, contudo, é fundamental conhecer o processo pelo qual ela se constituiu como campo de estudo. Embora, diversas áreas do saber tenham como objeto de pesquisa a infância, cada setor produz seus conceitos baseados na sua própria filosofia. Assim, na concepção da sociologia da infância o pensamento procura inventar através da criatividade, buscando alcançar objetivos através de métodos que afastam a negatividade dos adultos de pensar que a inventividade das crianças promove o erro, quando de fato, é na invenção que realizamos as novidades. Tal concepção é observada na narrativa de Paim quando no portão do Reino da Fantasia, Francisco Raposo se recusa a adentrar alegando ser um homem que acredita na ciência, por isso, não deveria visitar esse reino imaginário frequentado por sonhadores e principalmente crianças, porém, Fantasia lhe explica que as grandes invenções brotam de um sonho. Assim, o professor supõe “Edison inventava a lâmpada, se não assistisse ao anoitecer as estrelas ascendendo-se sozinhas? (...) Edison se inspirou no aparecimento das estrelas – sonhou” (PAIM, 1962, p.23). Referindo-se a Thomas Edison, cientista, inventor e empresário norte-americano que dentre suas descobertas ficou reconhecido pela invenção da lâmpada. Dessa forma, percebemos que a hierarquia também está presente na estrutura discursiva, na qual os adultos impõem seu discurso ideológico, a esta fala autoritária dos adultos denomina-se adultocentrismo.

No entanto, a sociologia da infância é um campo de pesquisa novo, que necessita de financiamento, pelo qual concorre com outras áreas, mas que também gera novas possibilidades de estudo. Um dos setores de pesquisa com o qual a sociologia enfrenta um embate de ideias é a psicologia do desenvolvimento que tem predominância nas pesquisas referentes ao comportamento da primeira infância, o que a fez um modelo hegemônico. A

psicologia do desenvolvimento tornou-se uma tradição baseada nas concepções de estudiosos pós-colonialistas, principalmente, Piaget e Vigotsky no referente às etapas de desenvolvimento, aquisição de linguagem e a educação. Entretanto, esse campo de estudo desempenha um papel renovador pois redefine o conceito de infância buscando compreender a invenção do ser criança no presente, sempre contemporâneo, pois a criança atual não é o que fomos, apesar de nascer inserida em uma história cultural, nem o que vemos, ela nos apresenta um novo olhar sobre o mundo. Sendo também o futuro, pois, representa a continuação de uma geração desconhecida que se formará transformando o ambiente em que está inserido através da sua inventividade e produção. Por isso, é um processo complexo “uma criança em sua infância traz a complexidade contemporânea naquilo que está no tempo”. (FARIAS&FINCO, p. 21)

Dessa forma, ao estudar sobre a infância devemos ampliar nossa ótica adultocêntrica, ou seja, do ponto de vista do adulto, carecemos observar que existem outros ângulos além do que sabemos e podemos explicar. Apesar de termos sido criança, esse ser sobre o qual estudamos atualmente é outro, por isso, único, diferente dos demais e do que fomos. Assim, dele nada sabemos tornando-o desconhecido, incontrolável e singular, sendo assim, a infância simboliza também um enigma. Consoante Larrosa (2006, p. 183) “As crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua”.

1.2 Entre a fantasia e a razão

Dessa forma, a incógnita que envolve a infância fundamenta-se na insuficiência adulta de não compreender que “existe outra coisa além da experiência, que existem valores que não se prestam a experiência – valores a cujo serviço nos colocamos” (BENJAMIN, 2002, p. 22). Por isso, os adultos desejam ter controle de tudo, intimando as crianças, persuadindo-as a lhe conceder razão, mas, a infância confronta essa concepção, pois é expressiva, petulante, soberana de si. Quando a criança não reproduz o que já existe ela cria o inexplicável, entretanto, essa criação confronta os tabus sociais não apenas sobre infância, mas também em outros eixos como o familiar e a representação feminina. Deste modo, estrutura-se a obra *A casa da coruja verde*, pois já na introdução as crianças expressam suas opiniões confrontando o ponto de vista dos adultos, quando Catita viu sua sorte na clara do ovo afirmou ser uma casa, o que foi confirmado pela Vovó Mariana e pelo jardineiro Henricão, mas depois de ouvir o palpite do irmão a menina mudou de opinião.

Laurinho, que enxergava sempre diferente dos outros, viu um navio com bueiro grande. (...) Catita fechou os olhos e o coração bateu apressado. (...) Abriu os olhos e disse com maior certeza. - É a escola. (PAIM, 1962, p. 7)

Notamos que a obra é permeada destes confrontos de ideias entre adultos e crianças, porém as crianças são autônomas, se expressam e adquirem sua própria experiência. Embora, a fase adulta seja considerada rigorosa na qual geralmente desconsideramos as vivências da infância ao nos declarar soberanos, porém devemos perceber que esse adulto de hoje foi antes criança e também teve suas curiosidades. Logo, essa fase é determinada pelo racional, logico e científico que através da experiência omite o sensível, a fantasia e a imaginação da infância. Dessa forma, fatores que deveriam ser associados para que contribuísse a formação do conhecimento humano são segregados acarretando um retrocesso, conforme afirma Souza (2008, p. 145-146):

A expropriação da experiência no mundo moderno relaciona-se profundamente com o projeto da ciência contemporânea. A ciência moderna, ao desautorizar a credibilidade da experiência tradicional, instaurou a fragmentação entre o racional e o sensível, entre o uno e o múltiplo, entre o humano e o divino. Uma das consequências disso foi a exclusão da imaginação dos limites da experiência, ocasionando um irremediável empobrecimento das formas de se chegar ao conhecimento. Uma vez que imaginação, desejo e paixão estão estreitamente relacionados, cindir imaginação e experiência é colocar de um lado o desejo e a paixão e do outro a necessidade.

Assim, percebemos que estamos envolvidos por criações humanas decorrentes da imaginação, mas precisamos exceder a divisa entre imaginação e realidade para compreender o papel da criação. Sendo esse um dos aspectos relevantes das obras infantis dessa sergipana, a fusão entre fantasia e razão que reúne outros elementos sociais fomentando o estabelecimento da arte e da ciência: “No sitio cruzeiro do sul tudo acontece: jerico fala, carta se desencanta, papagaio encabula magico e meu espelho de Veneza conta história de 300 anos” (PAIM, 1962, p.8).

De acordo com, Souza (2008, p. 147) “Na experiência da criança não há limites rígidos entre a realidade”. Assim, para a criança a imaginação direciona a experiência transformando-se em realidade, quando essas ações retratam suas vivências elas recriam encontrando novas possibilidades. Desta forma, a infância constitui-se como o núcleo que sustenta a influência da sociedade nos paradigmas humanos, já que, qualquer transformação que ocorra nesta fase refletirá nos parâmetros sociais. Visto que, quando a criança reproduz ações ela não inova perpetuando um modelo existente, logo, ocorre a domesticação do sujeito, isto é, as crianças são submetidas ao controle dos adultos.

Tal perspectiva recorda a concepção vigente na Idade Média na qual admitiam que “A infância caracteriza-se não pelo critério etário, mas pela ausência da linguagem humana,

devendo a criança ser domesticada e moldada segundo as normas e regras educacionais” (ANDRADE, 2010, p. 68). Em outras palavras, não educamos as crianças porque se assim fosse as ensinávamos sem impor um padrão, deixando-as livres para experimentar suas ideias. Por isso, o símbolo da noção moderna de infância fundamenta-se em Jean-Jacques Rousseau cujas inferências instigaram o movimento da pedagogia nova que pregava o respeito a infância como um período de amadurecimento.

Pode-se perceber nas concepções de Rousseau uma naturalização da infância, desconsiderando o seu significado social e a sua relação com o contexto histórico na qual ele se insere. Assim sendo, é preciso desnaturalizar a infância para rompermos com alguns paradigmas construídos historicamente. (ANDRADE, 2010, p.70),

Portanto, embora exista um progresso histórico nas concepções sobre as crianças, perante o senso comum ainda prevalece um pensamento contraditório em que por um lado um indivíduo frágil, inexperiente, que deve ser disciplinado, por isso, submisso aos adultos para proteção e aquisição de conhecimentos. Por outro, a noção da criança como sujeito de direitos, agente social, um cidadão ativo. Contudo, está vem se expandindo tornando-se um setor de pesquisa emergente para diversas áreas e através dos estudos se consolidando e evoluindo histórico-socialmente.

Dessa forma, a partir do século XX surgiu as concepções pós-modernas, que contestaram as propostas iluministas admitindo que não há verdade inquestionável mas sim diversidade, subjetividade e particularidades de tempo e espaço que influenciam nas construções dos saberes sociais. Esta conjuntura, do sistema globalizado, que interliga o processo sociocultural, econômico e político internacionalmente, favoreceu a propagação do ideal de infância particular. Sendo que, a globalização favorece o sistema capitalista, a decorrência da alteração no conceito de infância teve como impacto a exploração produtiva das crianças, o trabalho infantil. Embora, tenha proporcionado também a disseminação dos direitos das crianças que associados aos estudos da Sociologia da Infância impulsionaram a percepção da criança como coautora de seu conhecimento, um indivíduo ativo sócio culturalmente. Neste contexto, a escola torna-se uma entidade crucial para disciplinar as crianças o que contribui para que os adultos tenham o controle delas perpetuando a cultura de domesticação.

A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. (ARIES, 1981, p. 5)

Dessa forma, a escola torna-se um ambiente disciplinador onde ocorre o processo de aculturação sofrido pelas crianças precarizadas pelo sistema capitalista, pois impõem que elas se adaptem a cultura burguesa de segregação social. Em outras palavras, a infância é a origem dos tabus sociais, pois, através dela a burguesia se sustenta ao perpetuar a repetição de padrões, visto que, ao manter este arquétipo permanecem usufruindo o poder do capitalismo sustentado pela classe operaria. Logo, os estudos modernos sobre a infância fazem surgir nos pesquisadores “o desejo de compreender, explicar e controlar toda a sociedade, marcada pelos fatores de racionalização do homem e organização do capital”. (ANDRADE, 2010, p. 56)

Assim, compreendemos que a segregação social restringe as infâncias marginalizadas adiando o ingresso dessas crianças às escolas e quando elas chegam nesse espaço carregam consigo as marcas da sociedade lhes pregam. Contudo, devido a pressão social e a repercussão midiática a escola termina por repercutir a visão estigmatizada de que essas crianças são sujeitos agressivos e, por isso não requer a mesma atenção dedicada as crianças oriundas de outras realidades. Mas, a chegada dessas crianças à escola pública provoca as instituições a reconhecer e adotar uma atitude pedagógica que contemple a todos superando os preconceitos, pois, conhecer a existência dessas crianças é fundamental para elaborar uma ação educativa eficiente.

Conhecer como as vítimas se veem é central, entender como reagem é ainda mais central. É a postura mais pedagógica: ver seus valores, sua dignidade em tantas formas de resistência a seu indigno viver. Superar visões negativas, segregadoras e inferiorizantes e avançar para miradas mais compreensivas, mais positivas seria uma rica contribuição dos estudos da infância. (ARROYO, 2010, p. 28)

No entanto, os resultados da escolarização são alcançados a longo prazo, isto é, a prática pedagógica do presente transforma a perspectiva do futuro destas crianças, porém, a forma precária de suas vivências exige uma resposta imediata que nem sempre acontece seja pela postura adotada pela escola, que não reconheceu as especificidades desse aluno, seja, pela repressão social. Sendo estes alguns dos fatores contribuintes para a evasão escolar, visto que, quando o aluno sente-se inferiorizado pela sociedade ou quando tem que escolher entre as expectativas de um futuro positivo ou sua sobrevivência no presente, geralmente a última alternativa é a escolhida.

Embora, nos últimos anos o ingresso a escola pública tenha aumentado, constatamos que eventualmente existe uma política educacional de qualidade que considera a realidade deste novo público emergente, crianças e adolescentes vulnerabilizados pela comunidade que carecem melhores condições de sobrevivência. Por isso, não devemos compará-los com

outros sujeitos em que o acesso à escola ocorre naturalmente, posto isto, constatamos que essa situação torna-se um desafio pedagógico para o Estado, mas que geralmente é encarado apenas pela escola e pelo professor.

Conforme afirma Arroyo (2010, p. 23) “A sociedade e o Estado não podem ignorar que convivemos com corpos marcados pelo sofrimento, pela fome, pelas múltiplas violências”. Pois, no ambiente escolar os alunos refletem o que recebem da sociedade, essa relação aluno-professor existe a décadas mas apenas recentemente repercute de forma discriminante. Sobre isso, é indispensável refletir acerca desta noção apresentada por Arroyo (2010, p. 24):

Torna-se urgente auscultar suas falas, venham em forma de indisciplinas, de desatenção ou de condutas desviantes. Com essas falas corpóreas estão obrigando-nos a mira-los com novos olhares. Obrigam-nos a repensar nossos tratos antipedagógicos e a avançar na construção da pedagogia dos corpos.

Assim, observamos que os currículos pedagógicos tradicionais não envolvem as crianças inferiorizadas pela sociedade porque não as compreende, visto que, suas ações refletem a maneira como a sociedade os trata. Conforme declara Farias & Finco (2011, p. 21) “A escola está orientada para a conformação política da criança e é incapaz de escutá-la”. Dessa forma, observamos que o enredo de *A casa da coruja verde* concorda com a visão pós-colonial questionando a educação na qual o adulto está o centro impondo de forma autoritária suas convicções as crianças, adultocentismo, impedindo que elas se expressem. Entretanto, as crianças refletem a individualidade, cada indivíduo é ímpar, e a coletividade, pois, no processo de socialização eles produzem e adquirem cultura se integrando a comunidade a qual estão inseridas.

Tais considerações são verificadas nas obras através das recomendações de Vovó Mariana, que instrui os netos a não pararem na estrada ao retornarem da escola, deveriam apenas cumprimentar os conhecidos demonstrando educação. Porém, no trajeto as crianças encontram Dona Júlia, Seu Prudêncio e o Velho Teodoro que as advertem ao perigo da Casa da Coruja Verde. Entretanto, as restrições dos adultos transformam-se em um mistério, fomentando a curiosidades das crianças em ultrapassar as demarcações impostas pelos adultos, visto que, são “sujeitos que questionam os valores do mundo adulto, e que constroem relações a partir de seus próprios interesses, desejos, valores e regras”. (FARIA&FINCO, 2011, p. 6)

Nesta mesma passagem, acima citada, percebemos que as ações das personagens giram em torno do espaço que é o estopim da obra, a escola. Uma vez que, é através do desejo

da protagonista de frequentar as aulas da professora Helena, que representa o ensino tradicional, que desencadeiam novos episódios que alteram a rotina da sociedade e da família, porém é através das aulas construtivistas, nas quais o aluno adquire conhecimento através da sua própria experiência, do professor Francisco Raposo que as crianças aprendem lições de diversas disciplinas. Como afirma (ANDRADE, 2010, p. 168):

O compromisso com uma educação infantil cidadã implica a organização de uma rotina que permita às crianças o riso, a alegria, a criatividade, a autonomia, o prazer, o lúdico, a descoberta, enfim, o direito de ser criança.

Portanto, as crianças devem exercer seus direitos, inclusive de imaginar, visto que, o desconhecido provoca a curiosidade de se aventurar, buscando encontrar respostas ou solucionar mistérios dentro da realidade ou da fantasia. Porque, “o possível é também o que *pode ser real*, o que, para chegar a ser real, só depende de nosso poder” (LARROSA, 2006, p. 193). Isto é, as possibilidades também são relações de poder cabendo a nós, porém, como cidadãos o esforço em buscar as transformações que necessitamos. Consoante Larrosa (2006, p. 193) “é possível o que sabemos que pode acontecer; é possível o que podemos converter em real”.

2. ABORDAGEM HISTÓRICA DA LITERATURA INFANTIL

A Ciência caminha vagarosa pela estrada aberta antes pelas lendas e a poesia. (PAIM, 1962, p. 75)

Atualmente, ao mencionarmos a literatura infantil recordamos as histórias de *Cinderela*, *Branca de neve e os sete anões*, *A bela e a fera*, *Chapeuzinho vermelho*, ou seja, os clássicos contos maravilhosos de fadas, lendas e fábulas, cuja autoria é atribuída aos escritores europeus Jean La Fontaine, Charles Perrault, Jacob e Wilhelm Grimm, os irmãos Grimm, Esopo ou Hans Christian Andersen. Entretanto, atraídos pela literatura folclórica produzida e transmitida oralmente de geração para geração esses estudiosos registraram por escrito tais histórias eternizando-as, porém, eles não representam os legítimos autores dessas narrativas as quais não se conhece o tempo exato de seu surgimento. Pois, consoante afirma Coelho (1985, p.5) o “impulso de contar estórias deve ter nascido no homem, no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros certa experiência sua”. Assim, as histórias escritas pelos europeus tornaram-se clássicos literários, por conseguinte, vários outros escritores seguiram o exemplo desses literatos transcrevendo as tradições orais de sua região.

Todavia, em decorrência do sucesso tais obras foram traduzidas e adaptadas de acordo com os valores culturais da sociedade em que foram inseridas, portanto, os clássicos que conhecemos hoje são reflexos da ideologia vigente na atualidade. No entanto, vale destacar a importância das tradições orais, pois, antes mesmo de decodificar a escrita já conhecemos diversas histórias, sejam clássicos mundiais ou culturais, como afirma Coelho (1985, p. 64) “são estórias que fazem parte da vida de toda criança, mesmo antes de aprenderem a ler... e que são tão familiares quanto as cantigas de ninar”.

Geralmente, contar histórias é uma atribuição destinada às avós como percebemos na obra de Paim (1962, p. 9) “Vovó Mariana ocupa-se dos afazeres domésticos e descobre tempo para contar histórias, fazer bolos e tricotar agasalhos”. Neste trecho, observamos que além de dissertar sobre as transmissões literárias, a autora aborda também acerca da representação da

mulher na sociedade, limitada apenas ao ambiente privado, como retratamos acima ao refletir sobre a família. Dessa forma, constatamos como a obra de Alina Paim sintetiza esta concepção contemporânea sobre a infância nos estimulando a refletir sobre as ideologias enraizadas no universo infantil que buscam se perpetuar.

Vê-se que por detrás de tais relatos estariam valores próprios de *sociedades primitivas*, onde a hierarquia social se estabelece segundo *a lei do mais forte*. Por outro lado, revelam um homem que ainda não dominou o mundo pelo conhecimento científico e, portanto, explica-o pelo *pensamento mágico*. (COELHO, 1985, p.12)

No século XVII, as fábulas de La Fontaine e os contos de fadas de Perrault constituíam a literatura destinada às crianças, porém, é em meados do século XVIII que foram comercializadas as primeiras obras designadas ao público infantil. Entretanto, apesar de ter atribuído a autoria de suas primeiras obras ao filho, Perrault é considerado o propulsor da literatura infantil, visto que, suas obras englobam histórias também utilizadas por La Fontaine e Fénelon, embora tivesse predileção pelos contos de fadas até então de circulação oral, mas que depois de escritos tornaram-se a leitura preferida das crianças. Conforme, Coelho (2010, p.61) “La Fontaine foi buscar seus argumentos nos gregos, latinos, franceses, medievais, parábolas bíblicas, contos populares”. Assim, ocorreu a expansão e desenvolvimento da literatura infantil que na Inglaterra foi associado a “acontecimentos de fundo econômico e social que influíram na determinação das características adotadas”. (LAJOLO&ZILBERMAN, 2007, p. 16)

Nessa época, ocorreu o acontecimento revolucionário que transformou o setor político, econômico, social e ideológico mundial, a revolução industrial, cujas invenções tecnológicas impulsionaram o êxodo rural, migração de pessoas do campo para a cidade. Mas, o aumento de pessoas na zona urbana, além de enriquecer o comércio consolidando a burguesia, e ofertar uma mão-de-obra abundante e barata, gerou também fatores negativos como o desemprego, a pobreza extrema, as periferias, entre outros. Dessa forma, a burguesia estabelece seu poder político apoiada por outras instituições, principalmente a família e a escola, consoante afirma Lajolo & Zilberman (2007, p. 17):

A primeira dessas instituições é a família, cuja consolidação depende, em alguns casos, da interferência do Estado absolutista que, interessado em fraturar a unidade do poder feudal, ainda atuante, estimula um modo de vida mais doméstico e menos participativo publicamente. Esse padrão vem a ser qualificado como moderno e ideal, elevando-se como modelo a ser imitado por todos (...) A segunda instituição convocada a colaborar para a solidificação política e ideológica da burguesia é a escola. Tendo sido facultativa, e mesmo dispensável até o século XVIII, a escolarização converte-se aos poucos na atividade compulsória das crianças, bem como a frequência às salas de aula, seu destino natural.

Ao estudar sobre a literatura infantil notamos que existe uma estrutura ideológica que a sustenta, a qual é fundamental termos conhecimento para que entendamos melhor nosso objeto de análise, é ela a família e a escola, instituições que também estão enraizadas na concepção social da infância como refletimos no capítulo anterior. Logo, verificamos que as crianças adquirem “um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência” (LAJOLO&ZILBERMAN, 2007, p. 17) para legitimar a burguesia, inicialmente na família, espaço doméstico, em seguida na escola, onde ocorre a preparação para o agir em sociedade. Neste cenário, surge a literatura infantil cuja finalidade se constituía em podar as crianças “que, na situação de prováveis subversivos ou criminosos, agitavam a ordem social sob o controle dos grupos no poder” (LAJOLO&ZILBERMAN, 2007, p.18). Em outras palavras, a burguesia estabiliza sua autoridade perante a sociedade, mas, as crianças naturalmente interrogam tal poder.

Segundo Cademartori (2010, p.13), a literatura infantil na educação tinha por propósito a “formação de leitores, que cabe a escola assumir e realizar”. Por isso, a relação entre escola e literatura consistia em: a primeira deveria capacitar a criança para ler utilizando o texto literário estimulando a produção e o consumo dos livros que adquiriram o papel de mercadoria; a segunda deveria produzir obras que abordassem sobre conteúdos de ensino como, leitura e aspectos gramaticais, pois seu principal destinatário era o público escolar. De acordo com Lajolo & Zilberman (2007, p. 18):

Trata-se de uma literatura *para* – como criação visando a um mercado específico, cujas características precisa respeitar e mesmo motivar sob pena de congestionar suas possibilidades de circulação de consumo.

2.1 Formação do literário infantil brasileiro

No início do século XIX, os brasileiros passavam por diversas transformações políticas, econômicas e culturais, inclusive no âmbito escolar que incorporou a literatura, cujos escritores buscavam valorizar o nacional iniciando uma produção literária voltada para o público infantil. Apesar desta época ser marcada por renovações, nossa educação ainda baseava-se no sistema de ensino europeu, entretanto, literariamente visávamos ressaltar a origem e a cultura nacional, os princípios cristãos sobre a moral humana e a ascendência econômica através do conhecimento. Tais características estão presentes já no início da obra de Paim (1962, p. 7-8), quando Catita questiona tentando convencer Vovó Mariana a permitir sua matrícula na escola:

- Acredita em santo?
- Em todos os santos!
- Se São João mandar recado, a senhora obedece?
- No século XX, santo não manda recado.
- E se mandar?
- Obedeço.

Nesse trecho, observamos a referência ao cristianismo ao se referir ao santo, mas também, a cultura dos festejos nordestinos, visto que, a obra tem início na véspera de São João e posteriormente ocorre o diálogo entre avó e neta. Além disso, percebemos a sagacidade da menina em questionar a vovó justamente no ponto específico ao qual ela não negaria obediência, a religião, demonstrando ser um sujeito autônomo e perspicaz. Bem como, verificamos a referência ao século XX, marcado pelas inovações tecnológicas e pelo apaziguamento da influência religiosa vigorosa durante décadas atrás, na qual, as santidades não mandariam recado, mas, se enviassem cumpriria por obediência as tradições devotas: “Vovó Mariana, tantas e tantas vezes se viu obrigada a afirmar a devoção aos santos, que resolveu meter a neta na escola” (PAIM, 1962, p. 8).

Notamos, também, a valorização do conhecimento, pois, o recado do santo seria o ingresso de Catita a escola, porém, existe um contraste o aviso é resultado da leitura de sorte na clara do ovo que não é considerada uma prática cristã, embora, seja frequente o uso de superstições envolvendo santidades, principalmente no período dos festejos juninos: “O culpado é São João. A sorte mandou me matricular na professora Helena” (PAIM, 1962, p.8). Logo, Paim traz para reflexão as relações sociais através de situações frequentes no nosso cotidiano, uma vez que, ao transferir à escola o encargo de transmitir valores ideológicos as crianças formando-os nos anos iniciais de ensino, buscamos ignorar que esses sujeitos já possuem uma formação ideológica ao entrar neste ambiente de ensino.

A educação era dos problemas que mais preocupavam os mentores de nosso desenvolvimento. Tão logo foi fundado o Império do Brasil, tem início uma fase de debates, projetos, reformas do ensino primário, secundário e superior, tendo como objetivo a estruturação de uma educação nacional, orientada pelas diretrizes “iluministas”. (COELHO, 1985, p. 165)

Dessa forma, literatura e pedagogia desenvolveram-se paralelamente a consolidação da burguesia, visto que, a escola era majoritariamente frequentada por indivíduos oriundos desta classe social, na qual, a literatura foi inserida. Embora, as primeiras manifestações literárias tenham emergido nos centros urbanos, o custo para produção das obras era elevado devido á carência de editoras no país, conseqüentemente, alguns autores imprimiam seus livros na Europa, enquanto, outros publicaram em manuscritos. Apesar de intencionar uma literatura nacional, os primeiros livros apresentavam uma função pedagógica, dado que, eram

fornechos a escola e tratavam sobre gramática ou leitura. Como objeto comercial, o livro teria que seguir uma estrutura que agradasse o mercado consumidor instigando a leitura dentro e fora do ambiente escolar, visto que, nesse período, a leitura se tornou uma atividade de lazer para as famílias burguesas, que tinham poder aquisitivo para comprar as obras que devido à escassez das tipografias no país eram artigos custosos. Porém, com o advento da industrialização, os recursos tecnológicos se expandiram promovendo também a expansão das produções literárias.

Neste contexto, surge a literatura infantil brasileira, na qual, a partir do século XIX, os leitores já apreciavam adaptações dos contos clássicos da Europa, isso porque, várias obras literárias européias foram traduzidas e distribuídas nas escolas. Posteriormente, incorporado o modelo europeu, os escritores brasileiros passaram a construir uma literatura com temas, cenários e personagens característicos do Brasil. No século XX, o sistema educacional que utilizava os livros infantis para o ensino impulsionou a produção literária, tanto que, escritores prestigiados como Olavo Bilac, Júlia Lopes de Almeida, Mario Quintana, Cecilia Meireles, dentre outros, escreveram histórias para o público infantil. Conforme afirma Cademartori (2010, p.14), “A consolidação do mercado do livro infantil atraiu autores que desfrutavam do mais alto prestígio na crítica literária, integrantes do repertório de leitura dos adultos”.

Desta época, são datadas algumas obras de cunho infantil que repercutiram nacionalmente, como *O livro do povo* (1861) de Antônio Marques Rodrigues, *Contos infantis* (1886) de Júlia Lopes de Almeida, *Contos da carochinha* (1896) de Figueiredo Pimentel, *Era uma vez* (1908) de Viriato Correia, *Saudades* (1919) de Tales de Andrade, entre outros. Tais obras representam o empenho dos escritores em firmar uma literatura nacional, conforme declara Coelho (1985, p. 182):

Esse breve percurso pelos nomes e obras que melhor representam os esforços ou indícios de criação do livro para crianças, no Brasil-de-séculos, já nos permite avaliar a enorme carência imperante em tal área e, ao mesmo tempo, o gigantesco esforço necessário para que tal situação começasse a ser lentamente superada.

Assim, a literatura infantil brasileira teve início paralelamente ao processo de nacionalização e patriotismo ufanista do país, sendo estas também características das obras publicadas nesse período. Embora algumas delas expressem fins pedagógicos como desenvolver a leitura e aspectos gramaticais também abordam conteúdos folclóricos confrontando o urbano e o rural, ficção e realidade, através das narrativas maravilhosas. Da mesma maneira que, havia também as traduções e adaptações das obras europeias como contos, fabulas e mitos, gêneros estes que também fizeram parte do universo literário do

exponente da literatura infantil do Brasil do século XX, Monteiro Lobato, que além de obras inéditas para o público adulto como *Urupês* (1918), *Negrinha* (1920), *O presidente negro* (1926) e infantil *A menina do narizinho arrebitado* (1920), *Reinações de Narizinho* (1931) *O marquês de Rabicó* (1922) dentre outros, também traduziu e adaptou clássicos mundiais dos irmãos Grimm, Andersen, Robinson Crusoe e outros.

2.2 A literatura infantil brasileira a partir do século XX

Até o final do século XIX, as obras publicadas no Brasil eram traduções dos clássicos europeus, mas que também contribuíram para construção literária do país, visto que, estabeleceu na literatura a valorização do nacional, pois, através das adaptações os escritores incorporaram o exemplo e associaram a ideologia nacionalista. Embora ainda presa aos aspectos pedagógicos, uma vez que nesta época a maioria das obras eram destinadas as escolas, majoritariamente frequentadas por burgueses que tinham o hábito da leitura como entretenimento, as obras deveriam destacar o ideal nacionalista, a moral cristã, os valores burgueses, isto é, o ponto de vista adultocentrico ao invés da opinião das crianças. Posteriormente, é na obra de Lobato, reconhecida nacionalmente, que encontramos esta nova proposta para o literário infantil fundamentado nas proposições da Escola Nova, que propunha uma pedagogia liberal que refletisse sobre a autonomia do indivíduo contestando a passividade do aluno no ensino tradicional.

Trata-se de literatura infantil e não didática, que visa ensinar, em forma amena, mas com o fim precípua de transmitir conhecimentos de uma disciplina. A literatura infantil é por essência desinteressada, no sentido do ensino sistemático, embora deva ser educativa e possa ser instrutiva. Seu fim é emocionar artisticamente a criança, pelo sublime, pelo cômico, pelo patético, pelo trágico, pelo pitoresco ou pela aventura e, ao mesmo tempo, desperta-lhe a imaginação, aperfeiçoar-lhe a inteligência e aprimorar-lhe a sensibilidade. (COUTINHO, 2004, p.200)

Contudo, esse sujeito autônomo também está presente na obra de Paim, embora não projetada nacionalmente como as personagens de Lobato, quando as crianças, protagonistas das ações, interpelam Francisco Raposo, proprietário do sítio da Coruja Verde sobre o porquê dele não os convidar para entrar na sua casa, objeto da curiosidade que as impulsionaram a ir entregar a encomenda ofertada a eles por um mensageiro. Dado que, as crianças infringiram a recomendação da Vovó Mariana de que após a escola elas deveriam seguir diretamente para casa. Logo, diante da insatisfação das crianças em não descobrir o mistério do sítio da coruja verde, Catita declara a Francisco “É assim? Boa viagem, meninos! Porque não manda entrar? Minha avó manda entrar e ainda serve bolo com limonada” (PAIM, 1962, p.17). É a partir, desse questionamento que as crianças fazem valer sua vontade, desbravando o sítio, tornando-

se amigos do proprietário com o qual juntos embarcariam em várias aventuras no reino da fantasia.

Apesar de ainda estar envolvida nas crenças pedagógicas, a obra de Lobato realizou coerentemente o objetivo de renovar a cultura nacional, pois, o discurso empregado pelo escritor desperta o interesse das crianças e jovens. Através da fusão entre a fantasia e realidade, as obras infantis do autor colaboraram para reflexão sobre os ideais de transformação presentes na sociedade naquele período, pois, não impunha que as crianças lessem, mas os provocam a ler. Por intermédio de uma técnica em que o adulto discorre sobre a infância através do olhar das crianças, considerando as atitudes dela. Consoante define Cademartori (2010, p.17), “produção de adulto para criança, nela se manifestam as ideias dos mais velhos sobre o que as crianças devem ser e pensar”.

Simpatizante das convicções do movimento da Escola Nova, na qual a educação deve admitir uma leitura inclusiva, liberal e independente, tendo como foco a experiência das crianças, Monteiro Lobato publica sua primeira obra infantil *A menina do nariz arrebitado* (1920), que simboliza um marco do literário infantil brasileiro, porque mesmo sob a visão de um adulto norteador pelas ideias nacionalistas, representou adequadamente as crianças. Concordando com a ideologia da Escola Nova, cuja proposta defende que a educação envolva o aluno despertando a vontade de aprender divertidamente, a literatura infantil contemporânea evidencia, questiona e renova as tradições sociais.

Nela as crianças se identificaram nos elementos que a compunham: a temática, o convívio familiar e afetivo e o ambiente maravilhoso naturalmente incluso na realidade. Visto que o leitor diferencia fantasia de realidade, mas penetra na diversão proporcionada entre um e outro, pois, no Sítio do Pica-Pau Amarelo objetos simples como o sabugo de milho e retalhos de pano adquirem forma por intermédio dos adultos, mas é através da imaginação das crianças que eles ganham vida passando a integrar a família e participar das aventuras das crianças. Essa obra fascina o leitor por gerações porque assim como a arte, sempre possibilita novidades renovando-se para cada leitor.

2.3 O literário infantil brasileiro modernista

Na década de 30, após o êxito alcançado por Lobato, surgiram também no cenário infantil obras de escritores já aclamados pelo público adulto como: *Histórias da Velha Tatônia* (1936), de José Lins do Rego, *As aventuras de avião vermelho* (1936), de Erico Veríssimo, *Alexandre e outros heróis* (1944), de Graciliano Ramos, entre outros. Destacaram-se nesse período os textos em prosa, mas houve também poesias como *O menino poeta* (1941), de Henriqueta Lisboa apontada como uma das mais importantes para a literatura do país. A maioria das histórias eram ambientadas no campo, abordando temas folclóricos da cultura popular, que a princípio eram transmitidas oralmente mas foram importadas para a escrita a partir do movimento nacionalista que visava valorizar a cultura nacional. De acordo, com Coutinho (2004, p. 201) a literatura infantil brasileira possui:

Uma bibliografia numerosa, com contribuição de diversos escritores de renome (...). As grandes fontes da literatura infantil são universais, as do folclore, contos, fabulas, apólogos, estórias da carochinha, lendas; depois as aventuras, as gestas de heróis e bandidos, vidas de grandes homens, jogos e brinquedos, rodas e cantigas. A invenção do enredo não será fundamental, fundamental é seu modo de tratar, o relevo a ser dado, a ênfase a se atribuir aos episódios.

Embora, alguns escritores tenham permanecido com procedimentos tradicionais outros alteraram a linguagem utilizada em suas obras, rompendo com o padrão da norma culta adicionando particularidades da linguagem oral o que favoreceu a compreensão do leitor aproximando-o da obra. Na obra de Paim, o vocabulário das personagens é tão próximo a forma como falamos no cotidiano, que quando o professor inclui em seu discurso palavras ou expressões que não utilizamos frequentemente, mas que na narrativa adquirem uma função poética, as crianças comentam “Gosta de falar complicado (...) Deve ser língua de sonhador esse negócio de aluno-estrela, alegria de concha e economias da lua”. (PAIM, 1962, p.26)

Houve também aqueles que preferiram discutir sobre a realidade através das transformações que a sociedade estava passando, assim como tiveram os que se atentaram em apresentar aspectos históricos nas obras, que pode ser linear, mas em geral intercala o presente narrativo com episódios passados. Conforme, observamos em Paim (1962, p.22) quando ao destacar a importância de sonhar como desejo que aspira a realização de algo, o

narrador apresenta fatos importantes para a história através da declaração de Fantasia a Francisco Raposo e as crianças no reino maravilhoso:

- Cristóvão Colombo aqui veio, muitas vezes. Se não fosse sonhador, acham vocês, teria descoberto a América? E Santos Dumont? Se não sonhasse, teria dado asas aos homens? E Júlio Verne? Se não me tivesse visitado, tantas e tantas vezes, teria força de adivinhar o futuro. (PAIM, 1962, p.22)

Portanto, no universo infantil, o gênero predominante é o conto seguido dos romances de aventuras ou sentimentais, narrado por alguém familiar que interage com o leitor, por intermédio de uma linguagem em que as histórias discorrem sobre si próprias ou como aconteceram. Nessas narrativas o tempo também varia podendo ser histórico, no qual há referências ao período em que se passa a história, indeterminado, quando não situa a época, ou mítico, posicionado fora do nosso tempo. Assim, a literatura adquire caráter inovador através do humor irônico e do nacionalismo, que ultrapassa o amor à pátria revelando a origem do país para fortalecer nossa brasilidade, que deve estar explícita nas obras, entrelaçando o real e o maravilhoso excedendo os acontecimentos da realidade. No âmbito da fantasia, o assistente do herói, seja fada ou objeto mágico, deve auxiliá-lo, mas não realizar sua missão. Posto isto, o livro infantil transforma-se em um instrumento cultural comercializável, repleto de recursos visuais como as cores e ilustrações.

Nesta época, a intertextualidade foi um dos recursos empregado pelos escritores que resgataram aspectos tradicionais da literatura fantástica agradando o público infantil com a magia, o folclore e as aventuras. Assim, apesar de restabelecer algumas tradições, eles procuram também refletir sobre as transformações que a sociedade brasileira encarava opondo-se às produções literárias anteriores que reforçavam as doutrinas da classe dominante através das políticas escolares. Rompendo com a dependência direta entre a literatura infantil e a escola, visto que, os livros continuavam sendo publicados a proporção que as escolas necessitassem garantindo os interesse dos dominantes.

Neste contexto, a apresentação do livro infantil acompanhou as transformações ao longo do tempo, nos últimos anos destaca-se a interação entre imagem e texto, apenas imagem ou apenas texto. Sendo que, atualmente a imagem recebe evidência através das revistinhas infantis, séries e gibis, publicados nos jornais de grande circulação nacional, as quais, o estopim ocorreu na década de 40, decorrente da união entre o universo maravilhoso e a ciência, intitulado ficção científica, na qual, as revelações científicas e as inovações tecnológicas despertam novos mundos para a literatura. São características desse período, a fascinação pela vida natural, a invocação do fantástico para conceder ao homem poderes

sobrenaturais que os faz exceder os limites da condição humana, tornando-os super-heróis, e o realismo intenso que incentivou a produção de obras cuja temática aborda sobre as mazelas sociais como, a violência, a corrupção, as desigualdades, entre outros.

Na década de 40, a literatura infantil caracteriza-se por subtrair os elementos irrealis - bruxas, gênios, duendes, fadas - das narrativas, pois, acreditava-se que estes contos maravilhosos falseavam a realidade tornando perigosos para as crianças, uma vez que, “poderiam provocar em seu espírito uma série de alienações como: perda do sentido do concreto, evasão do real, distanciamento da realidade, imaginação doentia, etc.” (COELHO, 1985, p.204). Essa perspectiva provocou a infantilização da linguagem empregada pelos autores que com o propósito de se aproximar das crianças gerou uma fala adocicada e sintética marcada pela utilização de diminutivos excessivos, clichês, sem renovações. Assim, embora predomine o realismo nesta produção inicial, a fantasia, ainda que mínima, estava presente estimulando nos leitores sua imaginação.

Dessa “caça às bruxas” resultou uma farta produção de livros estritamente *reais*, mas no geral medíocres ou nulos como literaturas (...). Propõem-se aos leitores não, uma experiência vital *transformadora* (a Aventura), mas atividades meramente *lúdicas* e inconsequentes (travessuras). Ao mesmo tempo, incentiva-se a obediência, a ordem e a permanência (pelo desestímulo às situações aventureiras que levam ao rompimento das estruturas já estabelecidas). (COELHO, 1985, p.204)

Nos anos 50, os brasileiros enfrentam um declínio no hábito de ler em todas as fases do desenvolvimento humano motivados pela expansão das inovações tecnológicas dos meios de comunicação eletrônicos, principalmente o rádio, televisão e telefone. Na literatura, os temas abordados pelos escritores retomam os anos anteriores, ambientadas entre o urbano e o rural, valorizando o nacionalismo. Em contra partida, a literatura em quadrinhos e a fundação do teatro infanto-juvenil obtiveram destaque nesta época, uma vez que, a primeira tornou-se um dos artigos mais rentáveis para a imprensa dado a fama dos heróis fortemente divulgados pelos meios de comunicação, no Brasil destaca-se Ziraldo com, *O menino maluquinho*, e Mauricio de Sousa com a *Turma da Mônica*. Neste período, a poesia aproxima-se dos brasileiros através da música popular que recebe destaque na década seguinte, já que, por intermédio dela os autores demonstravam sua crítica ao governo ditatorial que censurava a liberdade de expressão.

Na década seguinte, também ocorreu no plano educacional importantes decisões como a promulgação de uma legislação específica para a educação, inexistente até aquele momento e que ainda atualmente sofre modificações. A Lei nº 4.024/61, das diretrizes e bases da educação nacional, que objetiva democratizar o ensino concedendo a União organizar a

ação educativa nacional e ao Estado cabe coordenar de forma particular seu sistema de ensino, assim como expandir o acesso à educação superior, proporcionando a formação de profissionais capacitados para atuar no ensino básico composto também pela educação infantil. Através da proclamação dessa lei, “o texto literário passa a servir de ponto de partida para o estudo da gramática ou da língua em geral. Com isso, altera-se pela base o ensino tradicional, eminentemente teórico”. (COELHO, 1985, p.212)

Posteriormente, os escritores da década de 70 engajaram-se em divulgar suas histórias não necessariamente associando sua literatura aos aspectos educacionais da escola, conforme era o costume, mas desenvolvendo produções que visam a denúncia social. Essa época ficou reconhecida como o ápice do nosso literário, devido à expansão e o reconhecimento das obras infanto-juvenis de diversos escritores como: Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Marina Colassanti, entre outros. Tais obras apresentam além dos heróis tradicionais personagens autônomos e inteligentes, que tem atitude para solucionar problemas, interpelam os adultos visando a igualdade de direitos e integram o universo infantil que fascina as crianças. Dessa forma, eles permanecem no cânone do literário brasileiro por abordarem diversos temas, formas e estilos reunindo o passado e o presente gerando na atualidade novas estruturas para o gênero. As histórias mostram também múltiplas direções seja, no referente ao Realismo ou ao maravilhoso, como afirma Coelho (1985, p.199):

Narrativas de *pura fantasia* (na linha dos clássicos contos maravilhosos); as da *realidade cotidiana* (registrando experiência do dia-a-dia, em casa, na escola ou em férias, bem familiares a criança); as da *realidade histórica* (exaltando a terra brasileira, episódios nacionais ou brasileiros notáveis ...); as da *realidade mítica* (redescobrimos figuras ou lendas folclóricas); e as do *realismo maravilhoso* (mostrando o “maravilhoso” como elemento integrante do Real, tal como o fazia Lobato).

Dessa forma, o auge do literário infantil brasileiro data da década de 70 a contemporaneidade, devido ao reconhecimento nacional e internacional de diversas produções literárias brasileiras que, por sua vez, tem se amplificado. Destacam-se desde escritores antigos, que vinham escrevendo desde outras décadas, mas em outras vertentes literária, aos iniciantes que se tornaram evidentes rapidamente na linha infantil. Enfatiza-se as obras de Lygia Bojunga Nunes, Ruth Rocha, Ziraldo, Eva Furnari, Marina Colassanti, Ricardo Azevedo, dentre outros, que buscaram:

O *experimentalismo* com a linguagem, com a estruturação narrativa e com o visualismo do texto; substituição da literatura confiante/segura por uma *literatura inquieta/questionadora*, que põe em causa as relações convencionais existentes entre a criança e o mundo em que ela vive; questionando também os valores sobre os quais nossa Sociedade está assentada. (COELHO, 1985, p.214)

Tais escritores exploram a criatividade lúdica nos apresentando um narrador animado, livre e ágil, cujas narrativas se aproximam do comportamento das crianças e jovens aos quais se dirige. Pois, visavam uma literatura que considerasse a identidade cultural e o contexto em que o leitor está inserido, utilizando o realismo, para expressar a realidade captada pelo senso comum, e a fantasia, para mostrar o mundo maravilhoso através da imaginação ultrapassando os limites do real e do consenso, predominando o universo lúdico da ficção. Bem como, houve aqueles que optaram por um literário composto pela mistura entre real e fantástico partindo de situações cotidianas, habituais das crianças, nas quais de forma natural o elemento mágico é inserido, introduzindo a fantasia e neutralizando as fronteiras da passagem entre um e outro, a esta forma de literatura denomina-se *Realismo mágico*, e é um dos mais frequentes atualmente, embora os escritores possam também inovar em suas obras. É nesta perspectiva literária que está vinculada a obra infantil de Alina Paim, a qual teceremos algumas reflexões no capítulo seguinte.

3. A CASA DA CORUJA VERDE: UMA VIAJEM ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

“Aquilo que olhamos e desejamos em sonho fica perto de nós e nos pertence”

(PAIM, 1962, p.29)

Como observamos, as narrativas destinadas as crianças estão presente na infância provavelmente desde primórdios, a partir do momento em que o ser humano necessitou transmitir suas experiências, a princípio através da oralidade e posteriormente por intermédio dos livros escritos. Sendo assim, constitui um fator de suma importância relacionar a cultura popular e a científica conforme fez Alina Paim na obra em análise. Essa escritora publicou por volta de dez romances que dissertam sobre múltiplos temas privilegiando as personagens femininas que empenham em consolidar o reconhecimento de sua atuação sócio-político cultural, apesar disso, a sergipana permanece distanciada do público. Contudo, a partir de 2006 a vida e obra de Paim têm sido resgatada e divulgada na comunidade acadêmica através das pesquisas coordenadas pela professora Dra. Ana Maria Leal Cardoso.

Consoante a pesquisadora, o percurso de vida de Alina assemelha-se com a de suas personagens, embora, saibamos a diferença entre autor, aquele que cria, narrador, aquele que nos conta, e personagem, aquele que atua nas histórias, observamos o processo de autoria da autora, pois, conhecer sobre determinada temática é fundamental para discorrer com propriedade sobre o assunto. Dessa forma, em sua narrativa infantil a escritora utiliza uma linguagem metafórica, cujo domínio e criatividade acerca de diversos temas produz um discurso particular que associa a concepção da criança como cidadão de direitos e autônomo, à luta pelo reconhecimento do espaço e dos direitos femininos. Através de um estilo simples, como percebemos no concelho de Vovó Mariana “cumprimentem os conhecidos como gente educada. Pouca conversa não se atrasem” (PAIM, 1962, p.10), mas estrategicamente poético na fala do narrador “os conselhos de vovó eram borboletas voando na frente deles” (PAIM, 1962, p.10).

Assim, observamos que o tema pertinente a esta pesquisa, a representação da infância e da criança na obra infantil de Alina Paim, está entrelaçado com as atribuições da família e

da escola que porventura constituem também o assunto que embasa a obra *A casa da coruja verde*. Vale ressaltar que Paim se considera “uma contadora de histórias com convicção”² cujas narrativas inventava desde quando habitava no colégio das freiras para distrair as crianças a pedido das religiosas.

Devido ao gosto pela escrita, Paim criou diversas narrativas desde quando cuidava das crianças no convento, mas, foi na cidade carioca que um amigo, que trabalhava em uma editora, lhe incentivou a publicar livros infantis, pois, em suas histórias havia sempre ensinamentos, correspondendo ao modelo vigente de uma literatura com fins pedagógicos. Em entrevista a Gilfrancisco, Paim declarou “a tônica de minha ficção era o realismo, mas não era o realismo crítico e sim o realismo socialista”. Esse movimento surgiu na antiga União Soviética, na década de 30 quando a liberdade de expressão foi impedida, na qual, as produções artísticas deveriam propagar os ideais revolucionários.

Entretanto, a escritora sergipana afirma que sua atuação política não afetou suas criações porque “não quis modificar a realidade para encaixar ideias e ficar forte, fazer propaganda”³, pois, sua obra procura ser verossímil com o real. No entanto, vale salientar o contexto das produções literárias de Paim, o século XX, marcado por revoluções e guerras mundiais, descobertas científicas e movimentos de defesa pelos direitos dos cidadãos, inclusive no Brasil, que atravessava por um período conturbado politicamente, no qual Alina Paim revela uma postura “feminista e comunista atuante” (CARDOSO, 2009, p.35).

Alina Paim, ao criar um mundo ficcional de representações da realidade permite repensar circunstâncias de vida, revitalizando-as sob novos enfoques. A irreverência dos seus personagens mostra não só o compromisso com a história, mas, fundamentalmente, com a ideologia do partido comunista a que foi filiada e militante por cerca de quase 30 anos. A romancista, do ponto de vista feminista, dá voz às personagens que são capazes de subverter os padrões sociais e estruturais e instalar o caos na ordem patriarcal. (CARDOSO, 2010, p.131)

Assim, percebemos que a obra infantil de Paim tem por finalidade expor a realidade social através do entretenimento, isto é, apresentar algumas perspectivas de forma lúdica, mas sem as impor, em um processo semelhante ao que ocorre nos contos de fadas, conforme afirma Bettelheim (2002, p.44):

O conto de fadas, em contraste, deixa todas as decisões a nosso encargo, incluindo a opção de querermos ou não chegar a decisões. Cabe-nos decidir se desejamos fazer qualquer aplicação à nossa vida a partir de um conto de fadas, ou simplesmente apreciar as situações fantásticas de que ele: fala.

²Trecho retirados da entrevista da autora a Gilfrancisco.

³ Trecho retirados da entrevista da autora a Gilfrancisco.

Todavia, apesar da obra ser protagonizada pelos irmãos Catita e Laurinho, prevalece nos textos de Paim a figura feminina, seja na fase adulta, seja na infância ou velhice, como acontece nesta narrativa em que temos a forte presença de Vovó Mariana, Catita e da própria Fantasia, uma personificação feminina da criação imaginária, proprietária do “Reino sem fim” (PAIM, 1962, p. 32). Por isso, conforme Cardoso (2009) devemos refletir sobre a literatura de autoria feminina, pois, podem mostrar traços da própria autora expressos metaforicamente através das atitudes das personagens, o que supomos acontecer nessa obra de Paim.

As obras de Paim priorizam as personagens femininas, mostram a problemática da mulher em diferentes situações, e, portanto, as consequências desta no contexto social e psicológico. Sua escritura se identifica pela consciência de uma tradição de predecessoras, no estabelecimento de um discurso próprio, transgressor, do ponto de vista da sociedade ocidental androcêntrica. Sua literatura instaura um universo próprio à investigação, tamanho é o ímpeto das forças sociais e culturais que se entrelaçam e integram a sociedade contemporânea, ali representada, o que ‘casa’ com os parâmetros da crítica feminista. (CARDOSO, 2009, p.37)

É interessante ressaltar, que em *A casa da coruja verde* não há somente a trajetória da luta pelo reconhecimento e das contribuições da criança para a sociedade, existe também atrelado às considerações sobre as crianças o esforço da mulher em conquistar a igualdade de direitos. Dados, que percebemos através das situações que aparecem na história, desde o início quando Catita empenha-se em adquirir a aprovação da vovó para estudar, algo que o irmão já fazia. Ou quando, mesmo após receber carinhosamente o novo amigo, Francisco Raposo, ele convida somente Laurinho para fabricar brinquedos à serem sorteados aos melhores alunos da professora Helena, decepcionando a menina que não foi convidada pelo professor, que ao desculpar-se declara “Não foi de propósito, não foi. Como adivinhar que menina de hoje troca boneca pelo martelo?” (PAIM, 1962, p. 36). Demonstrando que há uma distinção no trato dos gêneros, embora, também evidencie que houve uma breve evolução em relação ao tratamento destinado a mulheres e homens nas últimas décadas. Segundo Cardoso (2010, p. 131):

As protagonistas dos romances de Paim estão à procura de uma utopia do respeito e da participação harmoniosa da mulher na produção cultural (...) Sua obra revela uma vocação para as letras afirmada através de uma sensibilidade artística das mais delicadas, capaz de traçar caminhos que levam o leitor (a) a diferentes “mundos”.

Observemos a visão masculina sobre o episódio, por um lado, Francisco Raposo justifica não ter convidado Catita porque “Nas mãos de uma fada se põe rosa e não Martelo” (PAIM, 1962, p. 37), sendo as fadas seres femininos que apesar de ter poderes mágicos e capazes de concretizar seus desejos também são frágeis, bem como, as rosas um tipo de flor, delicada e que representa o amor e o romantismo, caracteres também associado a figura da

mulher. Por outro, Laurinho pensava “Catita sempre se arranja. Corre feito coelho malcriado e ainda é fada de rosa na mão. De serrote ela vai é serrar o sossego de dois homens sérios” (PAIM, 1962, p. 37), notemos que para a mulher são atribuídas características delicadas, ou seja, alguém sensível que deve se restringir a não incomodar a seriedade masculina.

Neste episódio, evidenciamos uma opinião, exposta através de uma linguagem poética, mas categórica acerca da imagem feminina perante a sociedade, um ser vulnerável que devem se restringir a não exercer funções habitualmente ocupadas por homens, isto é, em certas situações a gentileza é uma justificativa utilizada para preservação dos padrões sociais.

A construção da identidade feminina encontra-se mediada por um sistema de representações culturais de características patriarcais e androcêntricas, tidas como naturais, ou seja, fundadas para que essa construção se efetive. (CARDOSO, 2009, p.42).

Narrada em terceira pessoa por um narrador onisciente seletivo que conta os episódios, as sensações e até pensamentos dos personagens, conforme observamos “Francisco Raposo pensava um pensamento só, como se batesse de martelo pancadas iguais” (PAIM, 1962, p.20). A obra apresenta principalmente as aventuras de Catita, Laurinho e Francisco Raposo no Reino da Fantasia. Entretanto, a história é permeada por diversos assuntos como o papel da escola e do professor na formação das crianças, as condições de trabalho do educador, a referência a aspectos históricos, geográficos e socioculturais nacionais e mundiais, entre outros. Dessa forma, a história da *Casa da coruja verde*, gira em torno da vontade de Catita de frequentar a escola, após realizada a matrícula ela encontra um professor aposentado com o qual aprende vários conhecimentos de forma lúdica.

Através das ações das personagens “transgressoras”, Alina mostra-se preocupada em divulgá-lo, fazendo cumprir parte da função pedagógica da literatura, isto é, repensar a educação de modo que seja um direito de todos, independentemente de sexo, raça e classe social. (CARDOSO, 2009, p. 43)

Dessa forma, evidencia-se a importância da escola, mas também ressalta que o sistema educacional deve ir além do ensino tradicional, visto que, é através do professor aposentado que ocorrem as aventuras educativas que geralmente acontecem quando as crianças, Catita e Laurinho, retornam da escola. Mediante, uma linguagem criativa para educar como percebemos em Paim (1962, p.63) quando Francisco Raposo declara após a intervenção de Catita acerca da explicação do professor sobre os astros, cujo conceito utilizara diversas vezes quando lecionava “Eclipse é o desaparecimento momentâneo dos astros”. As crianças indagaram sobre o significado da palavra momentâneo, quando Laurinho afirma “Vai um astro caminhando no céu e zás! Se esconde para voltar depois”, o professor retifica “O astro

não se se esconde, é escondido” e logo conclui “Teria sido fácil ensinar eclipse abrindo a aula com um novo título. Vamos estudar hoje uma brincadeira cósmica: o esconde-esconde dos astros”. Assim, a narrativa provoca-nos uma reflexão sobre as metodologias de ensino tradicional que se perduram ao longo do tempo, as quais deveriam ser dinamizadas para melhor compreensão e desenvolvimento dos alunos.

Ainda no contexto educacional, notamos a valorização do ser professor tanto no início da obra na ocasião em que Catita ao se despedir da professora Helena pensa “Vou ser professora” (PAIM, 1962, p.10), quanto na imaginação de Francisco Raposo após as intervenções de Catita pensa é “possível sair uma professora daquela cigana de trancas”. E tal vocação é confirmada pela própria menina quando junto ao irmão ela descobre que Janjão não sabe ler e tenta ajuda-lo, depois do mesmo ter solicitado uma conversa particular com o menino. Enciumada, por não ter sido convidada a participar do dialogo Catita questiona Janjão que responde “Se a menina não mangan do caboclo, pode ouvir” (PAIM, 1962, p.52) demonstrando a indiferença com que são tratadas as pessoas que não aprenderam a ler e escrever. Após a leitura da carta eles percebem que estão sendo observados por Chico Raposo que alegra-se em poder ajudar o caboclo pois descobrira que “No Brasil, não faltam alunos a quem ama a profissão de mestre” (PAIM, 1962, p.54), visto que, no país ainda existe diversas pessoas que não dominam o código escrito.

Bem como, reconhecemos que é por intermédio das peripécias que as crianças aprendem melhor e produzem seus próprios saberes através da experiência particular. Pois, são nas aventuras junto a Francisco e Fantasia que as crianças adquirem conhecimento sobre diversos conteúdos, frequentemente obtidos nas disciplinas escolares, verificamos principalmente aspectos de geografia e ciências, visto que, eles contam a partir do universo da imaginação, no reino das estrelas, possivelmente no plano superior ao terrestre, observemos alguns trechos:

- Nessa imensa caverna se recolhem os ventos, depois de sopra-rem nos vales e montanhas, nas cidades e no mar (...) São muitos os ventos, Laurinho. Temos os ventos quentes e frios. Os que sopram calmos como a viração e os que sopram em grandes velocidade – os furações. (PAIM, 1962, p. 31)

Os astros dividem-se em estrelas, planetas e cometas. Estrela é o único que tem luz própria. Mas nem todas as estrelas são brancas e de brilho intenso. (PAIM, 1962, p. 38)

- A Lua é um astro sem luz própria e gira em torno da Terra, um planeta. Lua é satélite. (PAIM, 1962, p. 54)

No referente ao papel do professor, evidencia-se a visão popular sobre a remuneração desse ofício, e as reais condições de trabalho que esse profissional enfrenta como a baixa remuneração e a excessiva cobrança por quantidade, quando o que se deve objetivar é a qualidade do ensino. Essas dificuldades estão presentes na obra por intermédio do discurso de Francisco Raposo, como percebemos nesta conversa entre o professor e Laurinho:

- De que terra você veio?
 - De uma cidade perto da Mantiqueira, onde era professor.
 - Ensinou muita gente?
- Francisco Raposo demorou na resposta, fazia a conta dos meninos que aprenderam a ler com ele. Somava e somava mas o resultado não trazia números.
- Se, numa noite escura, transformasse meus alunos em astro, faria com eles um céu apinhadinho de estrelas. Foram trinta e cinco anos de escola.
- Laurinho pensou no professor juntando dinheiro e mais dinheiro, durante aqueles anos.
- Ficou rico?
- A gargalhada do professor foi surpresa.
- Minhas economias de professor, menino, nem deram para comprar a lente com que espio a Lua. (PAIM, 1962, p.25-26)

Apesar das adversidades da profissão, “vida de professor, sem a presença de crianças, se transforma em pombal abandonado” (PAIM, 1962, p.33), por isso, Francisco Raposo espera ansiosamente a visita das crianças após a escola. Uma vez que, ele já havia se acostumado as visitas de Catita e Laurinho, que romperam o silêncio do sítio, em um episódio parecido com a chegada de Janjão e Pão-de-ló, seu jerico, ao sítio da coruja verde enviado por um velho amigo do professor, o padre Anastácio para trabalhar no sítio. Pedido que foi atendido prontamente, demonstrando o prestígio religioso e a necessidade da influência na obtenção de um emprego, pois, o professor “leu rápido as linhas em que o vigário, velho amigo, recomendou o caboclo como trabalhador fiel e honesto” (PAIM, 1962, p.34) e em seguida declarou: “Está empregado, moço. Pode apear e recolher” (PAIM, 1962, p.34).

Destaca-se na obra, a caracterização dos personagens, principalmente da protagonista Catita, que dizem parecer uma cigana desde as roupas ao comportamento, e o sobrenome do professor Francisco Raposo. Segundo a simbologia, cigano além de designar os povos nômades de origem asiática também designa aquele que age com esperteza para enganar os outros, enquanto Raposo, é aquele sujeito manhoso e esperto. Vale ressaltar também, que Catita é um apelido carinhoso cujo nome próprio da personagem é Catarina, que inclusive é um nome recorrente das personagens de Paim, e que tem por significância alguém puro. Contudo, essa nomenclatura popularizou-se no século XV, a partir da influência da menina sábia que através da inteligência converteu muitas pessoas ao Cristianismo porém foi

torturada por não seguir outra religião, por essa razão, foi consagrada santa e considerada a padroeira dos professores, estudantes, filósofos e moças.

Dessa forma, observamos a presença da influência religiosa na obra, assim como, ao associar a simbologia a narrativa percebemos que a protagonista sintetiza a temática que alicerça a história. Pois, representa a menina que atua com sagacidade para alcançar seus objetivos e que encontra no professor aposentado a sabedoria da transmissão de conhecimento, visto que, ela também transforma a rotina do professor e sua forma de educar. Assim, Catarina ou Catita, simboliza a transformação, a perspicácia, a sutileza, a autonomia, entre outros caracteres do ser criança. Conforme notamos no episódio em que ao encontrar com Prudêncio no retorno ao sítio a menina é questionada sobre para onde iria e prontamente responde “Não vou, já venho” (PAIM, 1962, 11), ou quando Francisco Raposo se propõem a explicar sobre os astros e ela declara “Conversa curtinha, ouviu?” (PAIM, 1962, 38)

Nesta mesma cena em que as crianças encontram Prudêncio, amigo de Henricão, e este se dirige a Catita como “ciganinha” constatamos algo já mencionado nessa pesquisa, o adultocentrismo, no qual as crianças devem perpetuar os ideais transmitidos pelos adultos. Consoante percebemos através da reação de Laurinho diante do comentário de Prudêncio, “Laurinho mirou Catita. Cigana direitinho: saia rodada, blusa franzida, tranças de laçarote” (PAIM, 1962, 11). Dessa forma, notamos que algo costumeiro, os trajes da irmã, tornou-se uma informação relevante para reputação do menino que pensa: “Que ideia de vovó! Que papel fiz eu, na escola, matriculando cigana!” (PAIM, 1962, p.11) demonstrando assim que os adultos podem interferir direta e indiretamente nas ações praticadas pelas crianças. Conforme, declara o narrador “Quando mais ouviam gente grande dizer – passem longe, cuidado! – mais Catita e Laurinho simpatizavam com a casa da Coruja e seu respectivo dono” (PAIM, 1962, p.14)

Assim, a narrativa tem início na véspera de São João, quando a família está à beira da fogueira, um momento típico da cultura nordestina, Catita tira a sorte na clara do ovo, que indica que ela vai para escola. No último dia de férias, as crianças vão fazer a matrícula, no trajeto de retorno ao sítio Cruzeiro do Sul, onde moram, Catita e Laurinho encontram alguns amigos de vovó Mariana, Dona Julia, Prudêncio e Teodoro que lhes advertem a não entrarem no sítio. Contudo, as restrições dos adultos, “Passem longe. Ninguém sabe o que ali se esconde” (PAIM, 1962, p.11), a descrição sobre a casa “Aquela casa como as outras! Não diga isso. Tem terraço, sala quadrada de torre e ainda um mastro plantado nas talhas onde se balança a tal coruja” (PAIM, 1962, p.11) apenas incitam a curiosidade das crianças a se

aventurarem a desvendar o mistério da coruja verde “Formidável! Terraço, torre, mastro, coruja, sino e um mistério” (PAIM, 1962, p.12). Por conseguinte, o espanto de Dona Julia ao encontrar Catita e Laurinho na estrada “Santo Deus! Vocês sozinhos na estrada! Onde está Mariana com a cabeça para consentir neste absurdo?” reflete a perspectiva da disciplina tradicional que restringe a liberdade das crianças, que se opõem a autonomia confiada por Mariana aos netos.

Após o encontro com os amigos da vovó, as crianças encontram um mensageiro com destino ao Sítio da Coruja Verde que designa às crianças a execução de sua função, entregar a caixa ao proprietário da Casa da Coruja Verde. Curiosos para conhecer o sítio Catita e Laurinho aceitaram a missão, porém, ao chegarem no portão o dono da encomenda, Francisco Raposo, não convidou-os para conhecer sua casa frustrando as crianças, entretanto, devido a insistência de Catita o professor muda de opinião. Juntos dentro de casa eles descobrem o que havia dentro da caixa, um chapéu, objeto mágico que os transportariam do mundo real ao imaginário, ao colocá-lo Francisco viajou para o Reino da Fantasia, onde a encontrou pessoalmente, e ela solicitou que ele retorne para realidade e na volta traga consigo seus novos amigos, assim fez o professor.

Dessa forma, a história se desenvolve através das visitas dos netos de vovó Mariana ao sítio do professor, onde juntos viajam para o Reino da Fantasia. O Reino é frequentado por “inventores, poetas, músicos, romancistas, pintores e homens de ciência” (PAIM, 1962, p. 22) como Cristóvão Colombo, Santos Dumont e Júlio Verne, os quais, para produzir algum feito histórico ou científico antes sonharam que fosse possível. Posto isso, para salientar que o sonho não deve fazer parte apenas do universo infantil, mas de todos, pois, embora vivamos em uma sociedade em que até a perspectiva de um futuro melhor tenha sido surrupiada é necessário para os seres humanos tal expectativa, como conclui Francisco Raposo “Por que os homens não sonham mais e mais? Talvez o mundo e a vida fiquem mais belos” (PAIM, 1962, p. 23). Uma vez que, quando não há uma expectativa de mudança benéfica permanecemos em inércia, possibilitando que o atual cenário se perpetue, portanto, é este o símbolo natural das crianças, a transformação. Conforme afirma Larrosa (2006, p. 195) “A verdade da infância não está no que dizemos dela, mas no que ela nos diz no próprio acontecimento de sua aparição entre nós, como algo novo”.

No Sítio Cruzeiro do Sul, residem Vovó Mariana, os netos, Catita e Laurinho, Henricão, o jardineiro mágico, e Dr. Nélsion sobre o qual não é explicado sua relação com a família nesta obra. Embora, perceba-se nas eventuais aparições do personagem que existe um

vínculo afetivo que os unem, é somente em *Luzbela vestida de cigana* (1963) que o parentesco é explicitado, como pai das crianças. Dessa forma, percebemos que as obras infantis de Paim, *O lenço encantado* (1962), *A casa da coruja verde* (1962), *Luzbela vestida de cigana* (1963), são independentes entre si, mas, por serem protagonizadas pelo mesmo núcleo familiar algumas informações são suprimidas em alguns volumes.

Como ocorre com o personagem Henricão que inicia sua participação em *O lenço encantado* (1962), mas também é caracterizado em *A casa da coruja verde* (1962), outras são omitidas, o que acontece com Dr. Nelson que também reaparece nesta obra mas cujo papel familiar é implícito, por isso, é significativo conhecer o conjunto das obras. Isso foi necessário para esta pesquisa, pois, os estudos sobre a infância remontam sobre as relações familiares, deste modo, ao ler a obra em análise percebemos que Dr. Nelson exerce um parentesco naquele núcleo familiar. Logo, representa também uma ruptura na representação tradicional da família, visto que, as crianças residem com a vovó, a mãe não é mencionada e a participação do pai no cotidiano das crianças é inferior a atuação do jardineiro, que incentiva as aventuras dos meninos. Como afirma vovó Mariana: “Quem já viu dessa invenção? Beijo, abraço e desastre. O mundo está pelo avesso. Garanto que o sonso do Henricão tem parte na manobra.” (PAIM, 1962, p. 8)

As três primeiras obras que constituem a produção para crianças de Alina Paim — *O lenço encantado*, *A casa da coruja verde* e *Luzbela vestida de cigana* — circunscrevem-se ao mesmo espaço básico, e delimitam um núcleo de personagens. Acham-se, assim, interligadas, dinamizando a possibilidade de reconhecimento e aceitação por leitores em formação. (GENS, 2009, 48)

Assim, a composição familiar traz um retrato da realidade de muitas famílias em que os pais são ausentes da criação dos filhos transferindo essa função para outros familiares, geralmente os avós, responsabilizando-se apenas pelas despesas financeiras. Como verifica-se na obra, as aparições de Dr. Nelson são raras, o pai das crianças aparece apenas para custear os gastos com o uniforme da filha, após a autorização de Mariana para que a neta estude na escola, “Dr. Nelson retirou dinheiro das páginas do terceiro volume da prateleira alta. O livro *Mar que nos cerca* é o seu cofre.” (PAIM, 1962, p. 8). Além disso, vovó Mariana também é encarregada pelos afazeres domésticos, administração do sítio e a educação dos netos. Consoante afirma Cardoso (2009, p. 42), “Na sociedade patriarcal a figura da avó era fundamental, pois cabia-lhe a função de passar conhecimentos para as gerações mais novas”.

Lua experimentou imitar as avós cercadas de netinhos. Quantas vezes o vento trouxe até as nuvens a frase que para as crianças abre o mundo das princesas, tesouros e dragões. “Era uma vez ... era uma vez...” Deveriam ser palavras mágicas.
- Era uma vez ... no princípio do mundo.

“Palavras mágicas com certeza” – concluiu Lua vendo os olhos de Catita virarem estrelas de brilho intenso. (PAIM, 1962, p.75-76)

Outro ambiente constante na obra, e no qual se desenvolve a maioria das ações dos personagens é o Sítio da Coruja Verde, denominado pelo dono como Rancho de Minerva, onde mora o professor aposentado Francisco Raposo e o caboclo Janjão, no qual também ocorrem as viagens ao Reino da Fantasia. Segundo Bulfinch (2002), Minerva é a deusa romana que simboliza a sabedoria cuja coruja era o pássaro favorito, que também representa sabedoria. Considerando a época de produção literária da escritora, a linguagem metafórica presente no texto e simbologia dessas palavras, que também nomeiam a obra, percebemos um parecer acerca do cenário brasileiro uma nação (casa) que precisa de sabedoria (coruja) e esperança (verde).

Observamos também que prevalece na narrativa o tempo cronológico, decorrente do enredo linear que obedece a ordem dos fatos, visto que, tem início na véspera do São João e apresenta marcas de tempo decorrente como “na manhã seguinte”, “na última tarde das férias” e “quando depois de três dias de chuva”. Porém, ocorre também o uso do *flashback*, para nos apresentar a chegada de João Pedro dos Santos, Janjão, e seu jerico Pão-de-ló ao sítio da Coruja Verde como relembrou Francisco Raposo através do narrador:

Francisco Raposo estava na janela, como agora. Vigiava a estrada em longa espera. E na estrada, brotou pela curva o homem de chapéu de palha desabado montando um animal baixinho. Os pés do cavaleiro quase tocavam o chão. Botou os óculos de distância, reconheceu a montaria: um jerico, bicho raro nestas paragens. O homem parou diante do sítio e, ignorando a figura na janela, deu três puxões na corda. O sino estrilou de doer o ouvido. (PAIM, 1962, p.33)

Vale ressaltar, que no Reino da Fantasia habitam figuras mitológicas das culturas greco-romanas – Hercules, Orion, Perseu –, as constelações estelares – Cabeleira de Berenice, Sirius, Orion – e, personalidades que desenvolveram fatos importantes históricos ou científicos, como Fernão de Magalhaes. Dessa forma, percebemos a importância das relações mitológicas na construção desta obra, visto que, as maiores partes das ações se passam no Reino da Fantasia e no Sítio da Coruja Verde onde são expressas definições científicas sobre os astros – lua, estrelas, constelações. Portanto, no primeiro as explicações são apresentadas na perspectiva do mito e no segundo sob o viés científico, assim, verifica-se um destaque a ambos os saberes, pois, o que atualmente tem explicações científicas antes fora esclarecido pelos mitos. Consoante Paim (1962, p.75) “A ciência caminha vagarosa pela estrada aberta antes pelas lendas e a poesia”.

Assim, é notório na obra *Casa da Coruja Verde* uma visão das construções social, inclusive no que se refere à representação da infância e da criança, que coincide com a concepção vigente na atualidade, da infância como uma etapa crucial para o desenvolvimento humano criada pelas crianças, pois, apesar de ser um acontecimento biológico a forma como é vivenciada é estabelecida socialmente. Bem como, as crianças são sujeitos ativos que tem voz e desejam ser ouvidas, que constroem e determinam suas próprias vivências que transformam aqueles que os envolvem contribuindo para o progresso humano. Assim, são os protagonistas da *Casa da Coruja Verde*, Catita e Laurinho, sujeitos de direitos, livres, autônomos, cidadãos que constroem suas experiências através das próprias aventuras.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme dissertamos os estudos sobre a infância ainda são recentes inclusive no campo literário, porém ao refletirmos sobre as crianças revelamos aspectos sociais que na infância estão alicerçados como a função da família, a escola e do papel feminino na construção desses sujeitos. Pois, as crianças são indivíduos autônomos e cidadãos de direitos que constituem suas experiências através da infância que apesar de ser um acontecimento biológico reflete o contexto em que está inserido. Entretanto, tais concepções são contemporâneas decorrentes de alguns processos históricos, nos quais, as crianças passam de *adultos em miniatura* à indivíduos inocente, frágeis e puros que necessitavam dos olhar atento de uma figura materna, ou seja, da mulher que além das atribuições domésticas também foi encarregada da educação dos filhos restringindo-se ao ambiente privado, dessa forma, representando também o perfil feminino ideal para a sociedade.

Contudo, com a transição do desenvolvimento das crianças para adolescência e juventude fez-se necessário a continuação dessa formação que visa o convívio social, assim, instaura-se a atribuição da escola, disciplinar os sujeitos baseado nas ideologias vigentes. Dessa forma, inicia o literário infantil brasileiro destinado a suprir as carências de leitura e gramática do ensino em nosso país, visto que, a escola era o principal destinatário dessa literatura. Posteriormente, o rompimento entre literatura e pedagogia os escritores aderem os ideais que objetivam uma literatura própria, de criação livre, mas que valorizasse o nacional e refletisse nossa cultura. Entretanto, vale salientar que a origem da literatura infantil surgiu desde os primórdios quando despertou no ser humano o desejo de contar histórias aos seus companheiros ou descendentes. Assim como, os clássicos não são de autoria dos famosos escritores europeus mas das tradições orais, que foram registrados e adaptados de maneira a serem perpetuados até a atualidade.

No cenário brasileiro, destaca-se Monteiro Lobato cuja obra rompe com paradigmas por apresentar o ponto de vista da criança, evidenciando o ambiente rural, conciliando o real e a fantasia e personificando animais e objetos. Tais características, também constituem a obra de Alina Paim, sergipana que apesar de “ter produzido uma vasta obra, abordando diferentes temáticas, (...) não foi reconhecida do ponto de vista da crítica literária” (CARDOSO, 2010, p.131). Suas obras infanto-juvenis são marcadas pela utilização de uma linguagem metafórica e da magia, atributos dos contos maravilhosos em que a presença do elemento sobrenatural não causa espanto nos personagens, que pelo contrário, lidam espontaneamente com essas personalidades. Apesar da inestimável qualidade de suas obras Alina Paim permanece omitida do cânone literário possivelmente, segundo Cardoso (2010) por causa da postura política e do conteúdo refletido em seus textos.

A Casa da Coruja Verde rompe com a representatividade tradicional, seja, no padrão familiar composto na obra pela vovó, os netos, o pai das crianças, embora com raras aparições, e o jardineiro que constrói uma relação afetuosa com os moradores do sítio. Seja na representação feminina que enquanto criança ou mulher é forte, autônoma e independente. Seja, em relação ao método de ensino que geralmente tende a repetir as mesmas estratégias, sem considerar as particularidades das novas gerações, quando de fato deveria partir das vivências das crianças para introduzir novos saberes, estratégia descoberta por Francisco Raposo com o auxílio de Catita e Laurinho. Pois, após explicar sobre os movimentos da lua, rotação, translação e revolução, a menina atenta-se a terminação das palavras e declara “E a Lua não se cansa de fazer ão-ão-ão?” (PAIM, 1962, p.55). É nesse episódio que o professor aposentado percebe que é necessário um ensino dinâmico e cujas práticas devem ser renovadas de acordo com seu alunado “Ah! Se também tivesse descoberto esse ão-ão-ão! Metia bem ligeiro os movimentos da Lua naquelas cabecinhas duras lá na Serra da Mantiqueira.” (PAIM, 1962, p.55)

Dessa forma, concluímos a questão que fundamenta essa pesquisa, o perfil de infância representado na obra da sergipana Alina Paim condiz com a concepção atual, que considera a criança como um cidadão de direitos, autônomo e forte que constitui sua própria infância. Pois, apesar de ser um acontecimento biológico a infância também é uma criação social sobre a qual firma-se os valores da sociedade que por intermédio de instituições como a família e a escola instruem as crianças a reproduzir as convicções adultocêntricas. Percebemos também que *A casa da coruja verde* retrata o empenho pelo reconhecimento dos direitos da criança, da infância e da mulher, visto que, Paim prioriza as personagens femininas que lutam por um

ambiente democrático, em que a sociedade considere sua produção sociocultural. Conforme afirma Cardoso (2009, p.35) “Suas obras estão repletas de personagens femininas e feministas que lutam por um mundo mais justo”. Bem como, valoriza o conhecimento despertado por intermédio da curiosidade e adquirido através das relações fraternais de amizade proporcionada pelas crianças transformando o ser adulto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, LucimaryBernabé Pedrosa de. *Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais [online]*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ARIÈS, Phillipp. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2 Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARROYO, Miguel G.; SILVA, Mauricio Roberto da (orgs.). *Corpo-infância: exercício tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança o brinquedo e a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas cidades, Ed. 34, 2002.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 12 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. *Lei n. 4. 024, de 20 de dezembro de 1961*. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L4024.htm>. Acesso em 20/12/2017.

BRASIL. *Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em 18/12/2017.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia (a ideia da fábula): Historias de deuses e heróis*. Tradução David Jardim Júnior. 26ª. Ed. Rio de janeiro, 2002.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. 2 Ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CARDOSO, Ana L. *A obra de Alina Paim*. In: Interdisciplinar. Ano IV, v. 8, p. 35-45, 2009.

CARDOSO, Ana L. *Alina Paim uma romancista esquecida nos labirintos do tempo*. In: Aletria. n. 2, v. 20, p. 125-132, 2010.

COELHO, Nelly N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: Das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo*. 3. Ed. São Paulo: Quíron, 1985.

COUTINHO, Afrânio (dir.) & COUTINHO, Eduardo de Faria (co-dir.). *A Literatura no Brasil*. Volume VI: Relações e perspectivas. 7. Ed. São Paulo: Global, 2004.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br>>. Acesso em: 23/02/2018.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (orgs.). *Sociologia da infância no Brasil*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011.

GENS, Rosa. *Elementos da ficção infanto-juvenil de Alina Paim*. In: Interdisciplinar. Ano IV, V.8, p. 47-55. 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAM, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias*. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LARROSA, Jorge. *O enigma da infância*. In: _____. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução de Alfredo-Veiga-Neto. 4ª. Ed. 3ª. Imp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PAIM, Alina. *A casa da coruja verde*. Rio de Janeiro: Conquista, 1962.

PAIM, Alina. *Luzbela vestida de cigana*. Rio de Janeiro: Conquista, 1963.

PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

SANTOS, Gilfrancisco. *A redescoberta de Alina Paim*. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SANTOS, Gilfrancisco. *A romancista Alina Paim*. Disponível em: <<http://www.arquivors.com/gilfrancisco7.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SOUZA, Solange Jobim e. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. 112 Ed. São Paulo: Papirus Editora, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução Maria Clara Correa Castello. 4. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. *A Convenção sobre os Direitos da Criança*. 1989. Disponível em:

<https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf >. Acesso em: 18/12/2017.